SERRA NEGRA

ANOS 30

PERY LAMARTINE

10-10-06

"URGE QUE FIXEMOS, COM FIDELIDADE, DE COMO VIVIAM NOSSOS ANTEPASSADOS, A FIM DE QUE AS GERAÇÕES FUTURAS POSSAM CONHECÊ-LOS E COMPREENDER MELHOR A SUA EVOLUÇÃO."

JUVENAL LAMARTINE DE FARIA

(Velhos Costumes do Meu Sertão Edições Fundação José Augusto, Natal, 1965. Pág. 13.)

Pery Lamartine

Serra Negra Anos 30

AGRADECIMENTOS

O autor agradece a Júlio Neto, Urbano Batista, Romildo Faria, Paulina de Faria Mariz, Bezerrinha, Francisquinha Lobo, José Lucas de Barros, Lourdinha Curinga e a Gustavo Lamartine pelo muito que fizeram para que este trabalho fosse possível.

Pery Lamartine

APRESENTAÇÃO

SERRA NEGRA - ANOS 30, é um trabalho literário com o objetivo de registrar para as novas gerações serranegrenses o ambiente vivido naquela comunidade, nos anos 30.

Não tive a pretensão de escrever a História de Serra Negra; é um trabalho que exige tempo, dedicação e pesquisa em várias fontes, tais como nos arquivos das igrejas de Nossa Senhora do Ó de Serra Negra, de Santana em Caicó, de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó em Pombal/Pb; as obras de Juvenal Lamartine de Faria, Olavo Medeiros Filho, Vergniaud Monteiro, Câmara Cascudo, Nestor dos Santos Lima, Raimundo Nonato da Silva e Drault Ernanny. Se por um lado não consegui tempo para fazer a pesquisa nas igrejas, por outro tive acesso as obras citadas, resultando daí, este trabalho.

Outra etapa a ser seguida seria acompanhar os passos de Manoel Pereira Monteiro desde a sua chegada aos **Currais do Espinharas**, passando por Pombal/Pb, chegar até a região dos engenhos de Paraíba e Pernambuco, especificamente as cidades de Panati/Pb, Goiana e Serinhaem/Pe. É um trabalho de garimpagem cujo fator tempo é fundamental, o que me impediu de prosseguir.

Há suspeitas de que Manoel Pereira Monteiro é português, neto ou de origem muito próxima. Sem dúvidas foi um bandeirante; enfrentou toda a adversidade própria da região, para se instalar com a família naquela ribeira, legando aos seus descendentes um patrimônio cultural que permenece até os dias de hoje.

No estudo das famílias logo aparece os Faria e os Mariz dando a sua contribuição para formação da comunidade serranegrense. É um fator importante para os genealogistas locais desenvolverem as suas pesquisas.

Procurei criar o texto leve a fim de tornar a leitura agradável. A ilustração fotográfica enriquece e dá mais autenticidade à obra.

À Serra Negra entrego este trabalho para o acervo cultural da cidade, esperando que o meu esforço não tenha sido em vão.

PERY LAMARTINE

PREFÁCIO

Pery Lamartine, neste livro, nos dá o exemplo do homem ligado à nossa Serra Negra, onde viveu até os 10 anos de idade, entre a Fazenda Cacimbas e a cidade.

Podemos dividir o livro em três fases ou aspecto históricos. De início, nos deparamos com a descrição da fundação da cidade, os pioneiros, a Serra Velha, o Rio Espinharas, que banha o município de Sul a Norte dois acidentes geográficos que se identificam com a própria história da nossa terra; a belíssima Matriz, erguida pelos antepassados em honra à padroeira Nossa Senhora do Ó, reverenciada e venerada pelos filhos da terra, e até por aqueles mais indiferentes à prática religiosa.

Em seguida vamos encontrar a citação e a história de irmãos nascidos aqui, a começar pelos dois mais ilustres: Juvenal Lamartine de Faria e Dinarte de Medeiros Mariz e outras pessoas que se destacaram no dia a dia, na prestação de serviços à comunidade, no acolhimento hospitaleiro e alegre, em suas moradias. O convívio harmonioso entre pessoas e famílias, hoje ainda presente no espírito amigo e cristão, são qualidades inerentes na índole serena e pacífica da gente serranegrense, para o que concorreu, assim penso eu, a formação cristã e democrática daquele que chefiou e dirigiu os destinos da nossa terra por cerca de 40 anos: o Cel. Clementino Monteiro de Faria , meu bisavô e do autor.

Por fim vem a fase "Serra Negra Anos 30", título dado ao livro pelo autor. Pery, remexendo na sua memória e através da leitura de livros, como foi o do Prof. Raimundo Nonato da Silva, deixa escrito para a geração atual e futura os momentos deficeis e de bravura da nossa gente, por conta de Serra Negra haver sido o berço de Juvenal Lamartine de Faria, que ocupou com muita honradez, trabalho e espírito inovador o Governo do Rio Grande do Norte. Fatos condenáveis ocorreram na cidade naqueles anos de 30, como saques e depredações em residências e no comércio local; provocações de toda sorte às famílias, pelos

"revolucionários", como narra o autor.

Se não bastassem as ocorrências vividas em 1930, tivemos em 1934/35 a campanha para eleição do governo do Estado, disputada pelo Partido Popular e Aliança Liberal, quando as famílias Faria e Mariz voltaram a se unir sob a bandeira do Partido Popular. Nascido eu, em 1928, na Fazenda Vapor da minha avó Paulina, filho do seu filho mais velho Bruno e Maria Faria, conservo ainda na memória fatos ocontecidos de 1933 para cá , como o bárbaro assassinato de Otávio Lamartine e a permanência dos soldados e capangas do interventor Mário Câmara, desacatando e prendendo homens de bem, invadindo as residências dos Faria, tanto na cidade como nas fazendas.

Com tanta perseguição e visitas incômodas, vovó Paulina, acompanhada de alguns filhos e netos deslocou- se para uma casa de taipa num local ermo da Fazenda Vapor. Foi lá, me lembro bem , que a tia Sapola ouviu o estampido de um foguetão, para o lado da cidade, recebido naturalmente como o sinal da vitória do Partido Popular, o que se confirmou mais tarde. A notícia foi recebida com muita alegria , aos gritos de "viva" aos perrepistas, e eu com apenas sete anos de idade estava entre todos comungando daquela alvissareira novidade. Retornamos logo em seguida às nossas residências, os meninos nas garupas do animais conduzidos pelos adultos. Recordo-me ainda da festa da vitória, ocorrida no salão do atual prédio da Prefeitura Municipal, já com o Governador Rafael Fernandes empossado. Anos mais tarde o Governador veio pessoalmente visitar Serra Negra, num ato de reconhecimento pela posição de liderança tomada pela comunidade local, na campanha partidária estadual mais acirrada e sangrenta de que se tem notícia neste Estado. Na ocasião era prefeito o Sr. Descarte Mariz, quando também ocorreu a inauguração do serviço de abastecimento de energia elétrica na cidade, gerada a motor diesel, doado pelo Governador que nos visitava.

Com mais este livro, Pery Lamartine deixa marcados na história, com a lucidez e sensibilidade própria de um sertanejo, fatos, ocorrências e pessoas, das mais humildes a ilustres, que nasceram ou viveram em Serra Negra, naquela época.

TEXTO / PREFÁCIO
Autor: Júlio Neto

Serra Negra Anos 30

SERRA NEGRA

Serra Negra do Norte ou simplesmente Serra Negra, esse município do Rio Grande do Norte encravado na região do Seridó, fronteira com a Paraíba, a 325 quilômetros de Natal, forma uma das comunidades tradicionais da região, originada numa fazenda de criar da ribeira do rio Espinharas, implantada no Século XVIII, precisamente no ano de 1728. Para melhor entender essa comunidade e sua gente, é necessário fazer uma retrospectiva histórica de como ela foi fundada.

O final do Século XVII e todo o Século XVIII foi de grande atividade colonizadora no sertão das Capitanias da Paraíba e do Rio Grande. A época dos desbravamentos e da ocupação dos espaços destinados à implantação das fazendas de criar. Esse movimento se desenvolveu nas ribeiras dos rios Acauã, Seridó, Quipauá, Sabugy, Espinharas e Piranhas, todos levando as águas para dentro da região Seridó. O movimento provocou o surgimento de algumas povoações que se tornaram, no futuro, cidades. Serra Negra foi um desses casos. A ocupação também gerou a Guerra dos Índios, liderada pelos Tarairiús mais conhecidos por Janduís que impediam a implantação das fazendas.

A fim de garantir a fixação dos colonos, o Governo Real lançou mão da tropa cuja participação foi decisiva. A ação foi comandada por homens de grande atuação, tanto na manutenção da ordem, como na ocupação das áreas. Foi o caso dos irmãos Oliveira Ledo, de procedência baiana, cuja vida se confunde com a história de várias sesmarias concedidas naquele período(*). A mais notável de todas foi a Grande Sesmaria do rio Espinharas, que cobria quase todas as terras da ribeira daquele rio. Entre os beneficiados estavam os Oliveira Ledo, o alferes João de Freitas Cunha e outros. Essa Data de Terra nunca foi demarcada e, posteriormente, os mesmos pretendentes fizeram novo pedido, com novas dimensões, bem mais reduzidas que prevaleceu. A partir daí iniciaram as ações, objetivando ocupar aquela ribeira cujos documentos foram registrados na Bahia em 21 de fevereiro de 1

(*) Lira Tavares/ João (Apontamentos para História Territorial da Paraíba. Sesmarias nºs 19, 29, 32, 35, 82, 103, 125, 191, 195, 221, 254, 330, 334, 371, 403, 404, 405, 563, 574, 688, 754, 864, 1.046.
(**) Medeiros/ Olavo (Velhas Famílias do Seridó-Ed. Senado Federal)..

GUERRA DOS ÍNDIOS OU GUERRA DOS BÁRBAROS OU AINDA CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS DE 1687 ATÉ 1700

No início do Século XVII, os criadores de gado da região de cana de açúcar da Paraíba e Pernambuco foram obrigados, por determinação do Rei, a se deslocarem, mais para o interior, à procura de espaço para seus rebanhos. Subiram a Borborema onde fundaram algumas localidades (Campina Grande é uma delas) e continuaram penetrando para o interior. Encontraram as nascentes dos rios que correm para dentro do Seridó (rios Seridó, Acauã, Quipauá, Sabugy, Espinhares e Piranhas); descendo por eles, foram construindo os currais, as primeiras providências para se estabelecerem com fazendas de criar.

Quase na foz do rio Piranhas, hoje Açu, às margens da
6 lagoa do Piató, havia a sede dos índios Tarairiús, caçadores e grandes guerreiros. Esses índios atuavam, praticamente, na ribeira dos rios seridoenses e não demoraram muito a ter contato com o gado trazido pelos vaqueiros. Na concepção dos índios, estavam tendo contato com uma nova caça e não perderam tempo abatendo os bois que encontravam.

A reação dos fazendeiros foi pronta e imediata: caçar os índios. Esses se sentiram ameaçados e revidaram à altura. Foi a principal causa do início da chamada guerra dos Bárbaros, ou dos índios ou ainda a Confederação dos Cariris.

Os índios Tarairiús, liderados pelo índio Janduí, dominaram todo o sertão do Seridó, com muita violência, atrasando a ação dos fazendeiros na implantação das fazendas, no período de 1687 até 1700.

O Cap-Mor da província Gonçalves de Carvalho, pediu ajuda ao governo de Pernambuco, para conter os índios. Foi enviado o "Terço de Henrique Dias" para o vale do Piranhas (Açu) sem resultado satisfatório. O novo Cap-Mor Afonso de Albuquerque Maranhão (neto do afamado Jerônimo de Albuquerque Maranhão), conseguiu prender o índio Canindé, um

dos líderes da tribo. O governo mandou reforço para o Açu, enviando o paulista Domingos Jorge Velho com uma tropa preparada. Só em 1695, no governo de Bernardo Vieira de Melo, que mandou construir o Arraial de Nossa Senhora dos Prazeres em Açu (24-4-1696), começando aí a pacificação dos índios, cuja guerra terminou em 1700.

A partir desse ano os vaqueiros recomeçaram a levar as boiadas, descendo as ribeiras dos rios e implantando as fazendas de criar, muitas delas hoje transformadas em cidades, como foi o caso de Serra Negra.

RIBEIRA DO ESPINHARAS

A Guerra dos Índios, também chamada Guerra dos Bárbaros ou ainda Confederação dos Cariris, foi uma ocorrência belicosa no interior do Rio Grande do Norte que atrasou a ocupação do nosso sertão em pelo menos, 13 anos. Como é sabido, os índios Tarairiús também chamados Janduís, com a taba-sede na Lagoa do Piató (Açu), sentiram-se ameaçados e iniciaram uma guerra de extermínio contra todo e qualquer homem branco que aventurasse se estabelecer no sertão. De 1687 até 1700 os índios tiveram domínio absoluto do interior e o Seridó era a região mais vulnerável pelas facilidades com que os índios se deslocavam pelos leitos seco dos rios, afluentes do Piranhas. Daí se explica por que todas as datas conhecidas da região estão acima de 1700, o ano em que os índios foram pacificados no governo de Bernardo Vieira de Melo.

No estudo da história da ocupação do Seridó, especificamente da ribeira do Espinharas, terá que se começar na Bahia, quando o Sr. Theodósio de Oliveira Ledo, acompanhado dos irmãos e do alferes João de Freitas da Cunha, no ano de 1653 conseguiram do Governo a maior Sesmaria de que se tem notícia na História do Nordeste. Segundo Juvenal Lamartine no seu livro "Velhos Costumes do Meu Sertão" aquela Sesmaria começava no pé da Serra do Teixeira e chegava à foz do Espinharas, no rio de Piranhas. Como já se viu anteriormente, essa Data de Terra nunca foi demarcada e posteriormente as mesmas pessoas pediram uma nova Sesmaria, com dimensões menores que prevaleceu sobre a primeira.

A área correspondente à sede do município de Serra Negra ficou com o alferes João de Freitas da Cunha; por sua morte, passou para o irmão Domingos Freitas da Cunha e este vendeu por 600 contos de réis a Manoel Barbosa de Freitas, cunhado de um dos Oliveira Ledo. Manoel Barbosa de Freitas mandou situar ali **uns currais para implantação de uma fazenda de criar**. Nunca se soube a causa que o levou a fazer doação daquela situação ao

sobrinho Manoel Pereira Monteiro, Juiz Ordinário de Órfãos (Juiz de Menor), no Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó (hoje Pombal). Segundo Juvenal Lamartine, 1728 foi o ano em que Manoel Pereira Monteiro se estabeleceu com a fazenda de gado em Serra Negra. Trouxe a família inteira em sua companhia inclusive os agregados.

Mesmo tendo a residência no Arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó, Manoel Pereira Monteiro e os filhos fizeram investimentos, em terras da região; construíram casas, mesmo provisórias, e fundaram, em 1735, a primeira Capela em homenagem à Nossa Senhora do Ó, concluída no dia **24 de agosto** daquele ano. Esta poderá ser considerada a data da fundação de Serra Negra. Adquiriram, por compra, o Sítio Arapuá do Cap-Mor Theodósio de Oliveira Ledo(*).

Os Pereira Monteiro, ao chegarem à ribeira do Espinharas, o local era conhecido simplesmente por **"Os Currais do Espinharas"**,o primeiro nome do local onde se implantou a fazenda. Treze anos mais tarde, quando Manoel Pereira Monteiro requereu sobras de terra ao redor da sua fazenda (1741), no requerimento ele já chamava a fazenda de Serra Negra. O que motivou o nome, provavelmente, foi o aspecto sombrio da mata fechada que envolvia a Serra Velha, vista à distância.

Existe a lenda da escrava de Manoel Pereira Monteiro que teria ido ao pé da serra apanhar lenha e foi devorada por uma onça e a partir daí ficou conhecida por Serra da Negra ou Serra Negra, porém a informação mais consistente é a anterior.

(*) Escritura pública passada no Arraial de Nossa Senhora do Bonsucesso do Piancó (hoje Pombal), no dia 23 de Dezembro de 1730

CAPITÃO MANOEL PEREIRA MONTEIRO

Pouco se sabe a respeito do pioneiro Capitão Manoel Pereira Monteiro, que em 1728 chegou aos "Currais do Espinharas". Os documentos antigos encontrados em Pombal e Caicó forneceram algumas pistas. Era um dos residentes do Arraial de Nossa Senhora do Bonsucesso do Piancó, tinha boa posição social e econômica, alguma instrução e liderança. Exercia a função de Juiz Ordinário de Órfãos além de ser Capitão das Ordenanças. Sabe-se também que era sobrinho de Manoel Barbosa de Freitas, cunhado de um dos Oliveira Ledo, desbravadores daqueles sertões.

Relativo às origens familiares, embora não tenham sido encontrados, até agora, documentos reveladores, presume-se pelas ligações matrimoniais futuras dos seus familiares, ocorridas com parentes da região dos engenhos de pernambuco (Goiana, Pau D'Alho, Serinhaém e Panati/Pb (hoje Paulista), que Manoel Pereira Monteiro possivelmente seria português, ou filho ou ainda neto. Olavo Medeiros F°, o genealogista que estudou as famílias do Seridó, acha que ele nasceu aí por volta de 1680; foi casado com D. Teresa Tavares de Jesus e o casal teve cinco filhos. Dois se tornaram padres: João, que teria morrido louco e Fernando, que segundo o prof. Vergniaud Monteiro, constituiu a família Fernandes em Pombal(*). Os outros filhos eram Francisco Pereira Monteiro que morreu solteirão; dedicava-se à criação de gado e seu divertimento preferido era caçar onça nas serras. Antônio Pereira Monteiro foi proprietário da Faz. Arapuá e casado com Maria Josefa da Conceição. Consta que esse casal teve uma só filha; ela faleceu nas vésperas do casamento, decorrente de uma picada de cobra venenosa. Manoel pereira Monteiro (2°), casado com Teresa Maria da Conceição e falecido em Serra Negra no dia 11 de setembro de 1820. Foi deste casal a descendência que garantiu a continuidade da família na ribeira do Espinharas.

(*) Pereira/Vergniaud Monografia de Serra Negra pag. 11 Ed. Senado.

OS PIONEIROS

Recapitulando: Manoel Pereira Monteiro chegou à ribeira do Espinharas, após a pacificação dos índios (Guerra dos Bárbaros 1657/1700). Não se conhece a data certa mas é provável haver sido aí por volta de 1728. Em 1735 a família já havia concluído a capela (24/08/1735) em devoção à Nossa Senhora do Ó. Aqui vale citar que havia dois padres na família composta de nove pessoas: Manoel Pereira Monteiro e sua mulher Teresa Tavares de Jesus e os seguintes filhos e noras: Manoel Pereira Monteiro (2°) e Teresa Maria da Conceição, Antônio Pereira Monteiro e Maria Josefa da Conceição, Francisco Pereira Monteiro (solteirão) e os padres João Pereira Monteiro e Fernando Pereira Monteiro. Esta era a célula inicial da família que iria colonizar a ribeira do Espinharas, a partir de 1735, ano em que se consolidou a implantação da Fazenda Serra Negra no local dos "**Currais do Espinharas**".

Manoel Pereira Monteiro(2°) foi o responsável pela continuidade familiar; gerou sete filhos cujos nomes vão a seguir acompanhado dos seus respectivos consortes:

Manoel Pereira Monteiro(3°) e Maria de Jesus Rocha.
Francisco Pereira Monteiro e Joana Pereira de Araújo(*).
Antônia Maria do Espírito Santo e João Gomes de Faria.
Maria José do Nascimento e Joaquim Álvares de Faria.
Ana Maria de Jesus e Luiz Álvares de Faria.
Mônica Freire da Silva e Antônio Álvares Mariz.
Rosa Maria da Conceição e Francisco Pereira Mariz.

Foram esses os casais que geraram filhos e colonizaram a ribeira do Espinharas. Foi também através deles que chegou "sangue" (gene) novo na região, no caso os Faria e Mariz. Os Faria entraram na família através dos casamentos de Antônia Maria do Espírito Santo(3), Maria José do Nascimento(4) e Ana Maria de Jesus(5) com os três irmãos Faria, (presumem-se parentes), vindos de Pernambuco. A família Mariz chegou através do casamento de Joana Pereira de Araújo(*) com Francisco Pereira Monteiro(2).

Ela era filha de Francisco Rodrigues Mariz da freguesia de Pau dos Ferros e sua esposa Maria Benta Pereira. Esta senhora, por sua vez, era descendente de Tomaz de Araújo Pereira, de Acari.

Ainda sobre os irmãos Faria, eles eram filhos do casal Francisco Xavier de Faria e Manoela Alves da Conceição de Serinhaém/Pe., embora tenham vivido em Panati/Pb (hoje Paulista). Todo serranegrense que tenha Faria ou Mariz no nome, com certeza, é descendente de um desses casais.

1735 //////////// 1882

No dia 24 de agosto de 1735, Manoel Pereira Monteiro acompanhado da família, inaugurou a Capela de Nossa Senhora do Ó em Serra Negra. Essa data é muito significativa para a cidade, pois representa o início das atividades comunitárias. Foi um acontecimento do agrado da família, por ter dois filhos padres, que certamente assumiriam o comando da parte religiosa da comunidade.

O tempo avançou, os anos se sucederam e também as gerações de serranegrenses que iam sendo somadas a outras famílias incorporadas, através de casamentos. Assim ocorreu com os Faria e Mariz, que em poucas gerações adiante começaram a liderar a comunidade. Em conseqüência, novos currais iam sendo assentados e novas fazendas surgiam na ribeira do Espinharas, impulsionando a atividade pastoril, a única fonte de riqueza da região. 023

Quanto à atividade social, a vida isolada naquela região tornava tudo muito simples. Os proprietários residiam com seus familiares nas fazendas, acompanhados dos poucos escravos e os vaqueiros que lidavam com o rebanho. A rotina de trabalho era limitada pela luz solar (das 6 da manhã às 6 da tarde, hora solar como chamavam no passado). Aos domingos freqüentavam a feira em Serra Negra e anualmente comemoravam as quatro festas do ano: Semana Santa, Nosso Senhora do Ó, Nascimento (Natal) e as festas juninas. Nas três primeiras, festas puramente religiosas, a população guardava as normas da igreja: a contrição, o jejum, as missas e as novenas. As festas juninas eram alegres, onde o povo se divertia, com fogueiras, fogos de artifícios, danças e comidas típicas. Herança do além-mar. Muito comum, nestas oportunidades surgirem os namoros, noivados e casamentos. A igreja tinha uma grande força sobre a população e, periodicamente, o Capelão ia às fazendas fazer a "desobriga", ou seja, legalizar casais que viviam juntos sem as bênçãos da igreja.

As atividades políticas eram inexpressivas. Aos domingos,

os fazendeiros reuniam-se na Intendência, quando havia algo especial para decidir, como era o caso da sucessão do Intendente. O isolamento da localidade, pela distância dos centros mais adiantados, favorecia atitudes isoladas tornando a comunidade sem qualquer representabilidade junto ao Governo Provincial.

Quanto ao ensino, até 1801 nada se conhece por falta de registros. A partir daí a situação modificou-se com a chegada, em Caicó, do Padre Guerra; além do ensino ele ainda hospedava, em sua residência, jovens de outras localidades. Em 1735 chegou, a Serra Negra, o Pe. Inácio de Souza Rolim, Capelão de Nossa Senhora do Ó, até 1841. Nesse período, além dos assuntos da igreja, ele dava aulas aos jovens da cidade. Pe. Rolim mudou-se para Cajazeira, antiga fazenda da sua família, onde fundou em 1843 um colégio e lá continuou a receber os alunos serranegrenses. O **Cel. Clementino Monteiro de Faria, o mais respeitado líder serranegrense do século passado**, foi aluno desse colégio, ao tempo em que estudava lá o jovem Cícero que se tornaria, mais tarde, o afamado Pe. Cícero Romão Batista, do Juazeiro.

024

Outra opção para os filhos de Serra Negra era o Colégio Sete de Setembro de Mossoró (antes funcionava em Brejo do Cruz-Pb) pertencente ao Prof. Antônio Gomes de Arruda Barreto. Foi aluno desse colégio o jovem Artéfio Bezerra que no futuro casaria com D. Ambrosina, filha do Cel. Clementino Monteiro de Faria e se tornaria um dos líderes municipais de Serra Negra, no final da década de 20.

Em 1882 Serra Negra já tinha Escola Pública dirigida pelo professor Antônio Carlos de Medeiros.

NOSSA SENHORA DO Ó

A padroeira de Serra Negra é Nossa Senhora do Ó. Para esclarecer como chegou àquele sertão, o culto ou devoção à Nossa Senhora do Ó, apelamos para Inácio Magalhães de Sena, talvez o maior pesquisador, da vida da Virgem Santíssima, aqui no Rio Grande do Norte.

Obtivemos de Inácio Magalhães as seguinte informações: "A origem desta devoção à Santíssima Virgem está na Espanha e nasceu com Santo Ildefonso, bispo de Toledo, que lhe dedicou como dia festivo, **18 de Dezembro** . Segundo alguns, a letra " Ó" significa imortalidade, segundo outros (a hipótese mais aceita), nas festas dedicadas à Nossa Senhora, as ladainhas eram rezadas antecipada de Oh!..., louvando ou suplicando a Rainha do Céu. Em Torres Novas (Extremadura-Portugal), está o Santuário que irradiou para o Brasil o culto à Nossa Senhora do Ó. No Brasil foi fundada a ermida no Rio de Janeiro cuidada pelas Carmelitas. Chegou a ruir e deu lugar à igreja do Carmo, ex-Catedral do Rio de Janeiro; em São Paulo foi construída a Capela em 1608, chegando até hoje à Freguesia do Ó. Com os Bandeirantes a devoção varou os sertões dando origem ao Barroco Mineiro, através da Capela de Nossa Senhora do Ó, de Sabará. Em Olinda, na Igreja de São João, está desde a fundação, uma efígie de Nossa Senhora do Ó. Acredito que partiu de Olinda para todo Nordeste o culto à Nossa Senhora do Ó, principalmente para nossas cidades de Papary(*) e Serra Negra."

(*) Papary, hoje Nísia Floresta

NOSSA SENHORA DO Ó DE SERRA NEGRA(*)

O Professor serranegrense Vergniaud Monteiro pesquisou e escreveu sobre a Capela de Nossa Senhora do Ó; a seguir vai uma condensação do texto dele: "A primeira Capela fora fundada em 24 de agosto de.1735, por Manoel Pereira Monteiro e seus filhos. Serra Negra era termo da Vila de Nossa Senhora do Bonsucesso do Piancó (hoje Pombal), Capitania da Paraíba. Pelo tabelião Felix Gomes Franco, fora lavrada uma escritura de doação, feita pelo casal Manoel Pereira Monteiro e Teresa Tavares de Jesus, de meia légua de terra, à Nossa Senhora do Ó, começando no "Olho d'Água do Boqueirão", riacho do Bangüê, buscando para o poente, até se inteirar à dita meia légua de terra. Doou mais ainda um touro e seis vacas. O despacho teve a data de 15 de setembro de 1735, e fora
26 dado por Dom José Fialho, bispo de Pernambuco, mandando que o cura de Piancó benzesse a capela, estando esta acabada e paramentada na forma das instituições. A 19 de janeiro de 1764, o Cap-Mor Francisco Pereira Monteiro, morador da Faz. Arapuá, autorizava o tabelião Antônio Gonçalves de Melo a lavrar uma escritura de doação de terra feita em favor de Nossa Senhora do Ó, a começar da barra do Riacho Fundo, pelo rio acima até o poço do Trapiá, tudo pelo lado do poente, ficando o doador, enquanto vivesse, administrador das terras doadas. O Dr. Antônio Pereira de Castro, na sentença que julgou o patrimônio, datada em Olinda a 4 de novembro de 1764, só considerou bastante, porque o doador ia entregar mais cento e vinte mil réis e anualmente daria seis mil réis para ornato da Capela. Em 1774, Manoel Pereira Monteiro e seus filhos resolveram demolir a Capela e erigi-la em outro lugar, com bases mais sólidas. Manoel Pereira Monteiro informava aos Revmos. Cônegos que ele queria erigir uma Capela por invocação de Nossa Senhora do Ó, mudando-a para lugar decente. Manoel Pereira Monteiro e seus filhos mandaram vir de Portugal o artista **João Isidoro** que foi quem traçou o plano da igreja, vindo também **Tomás de Aquino** que foi o mestre das pinturas e dos desenhos. E

assim puderam edificar nova Capela que passou depois a ser Matriz, esta que vemos hoje.

O presidente da Província Dr. Antônio Mardelino Nunes Gonçalves sancionou a Lei 106 de 1° de setembro de 1858, criando a Freguesia de Nossa Senhora do Ó de Serra Negra, a vigésima quinta do Rio Grande do Norte."

Informações colhidas junto ao historiador Olavo Medeiros F°, sobre a imagem de Nossa Senhora do Ó, que existiu na Igreja Matriz de Serra Negra e foi roubada em 22 de julho de 1974 e teria sido doada àquela igreja, pelo Tte. Cel. Francisco Antônio de Medeiros (Chico Antônio da Faz. Umary da ribeira do rio Quipauá - Seridó), em sinal de regozijo pelo fato de o seu filho Padre SebastiãoConstantino de Medeiros haver sido designado o primeiro vigário da nova freguesia de Nossa Senhora do Ó, de Serra Negra.

A imagem em questão foi adquirida em Portugal e custou na época 200$000 (duzentos mil réis).

(*)- a mais antiga igreja do Seridó, segundo Câmara Cascudo, no jornal A REPÚBLICA de 11/out/1944.

SERRA NEGRA EM 1920

O historiador norte-riograndense, Nestor dos Santos Lima, pesquisou a História de Serra Negra, mas não chegou a publicar e deixou um manuscrito, hoje arquivado no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-Natal , com informações preciosas:

- a localidade foi assentada justamente no terreno de um roçado do cap. Manoel Barbosa de Freitas, que havia feito doação da terra ao sobrinho Manoel Pereira Monteiro.
- Serra Negra pertencia à freguesia de Pombal sendo desmembrada para unir-se à paróquia do Seridó e sendo elevada à condição de freguesia de Nossa Senhora do Ó, pela Lei 406 de 1° de setembro de 1858.
- a vila de Serra Negra foi criada pela Lei 688 de 3 de agosto de 1874 e instalada em 21 de maio de 1875.
- a primeira construção de alvenaria foi o sobrado de Leonídas Monteiro, edificado em 1735, seguido da nova igreja de N. Senhora do Ó em 1760.
- em 1920 a vila só tinha 37 casas (mais adiante ele fala em 90), porém já tinha Correios e Telégrafos, Coletoria Estadual, posto meteorológico, Escola Pública, a Intendência, a Cadeia Pública, dois Mercados (um público e outro particular) e o Cemitério.

- registrou 31 importantes fazendas com seus respectivos açudes, engenho de rapadura, roçados de algodão e lavoura de subsistência e um expressivo rebanho bovino.

Naquele ano (1920) Serra Negra vivia um bom momento na sua economia.

SERRA NEGRA ANOS 30

Região acidentada ainda coberta de matas de angicos, aroeiras e cumarus. A terra pouco favorável à agricultura, daí por que o serranegrense era mais voltado para pecuária. Vilarejo, mesmo sendo sede municipal, com certeza não atingia uma centena de casas. Os fazendeiros, preferencialmente, residiam nas suas propriedades, muitas delas famosas por acontecimentos passados. Fazenda Rolinha, onde nasceu Juvenal Lamartine o grande estadista potiguar e onde também foi abatido o facínora "Novato" do bando de Antônio Silvino. Fazenda Solidão, o berço da família Mariz. Fazenda Bom Sucesso onde Artéfio Bezerra comercializava boiadas do Piauí. Fazenda Apaga Fogo do Cel. Lobinho e suas ligações familiares com os famosos Veras Saldanha. Fazenda Trapiá de Guilherme José da Silva, um santuário nas contendas políticas regionais. Fazenda Arapuá uma das mais antigas da ribeira. Fazenda Saudade do velho Josué, senhor de grandes rebanhos. A lista não pára: Fazenda Carnaúba, Enjeitado, Entre Serras, Morada Nova, Barro Vermelho, Cacimbas, Abernar, Varjota e muitas outras.

O acesso à Serra Negra era por estradas rurais. No período das chuvas ficavam intransitáveis para veículos a motor. Só carro de bois passava. No inverno era normal o rio impedir a passagem de veículos e nesses momentos uma boa "burra de sela" valia mais do que um automóvel.

A principal entrada era aquela do nascente. A estrada de Caicó e São João do Sabugy, atravessava o rio no oitão do grupo escolar.

O conjunto urbano formador do vilarejo resumia-se num quadrilátero com, aproximadamente, quinze casas em cada lado. No centro, um coreto só utilizado nas festas, fora delas era abrigo para animais soltos. Na rua de baixo, margeando o rio, destacavam-se a igreja, a casa paroquial, o grupo escolar, a residência de Tia Paulina e o sobrado de Leonidas(*). Na rua de cima, a casa de Bruno Batista, Epitácio Faria, Neco Mariz, tio

029

Ananias e na esquina a residência de João sapateiro. Na rua do Mercado eram as residências de D. Sinhá, de Artéfio Bezerra, de Derossi Mariz; o Mercado Público e a Agência dos correios. Na rua defronte, estavam as casas de Lobinho, Descarte Mariz, tio Paulo, a nossa residência e lá mais adiante a casa de Juvenal Faria, a cadeia Pública e a Intendência. Por trás, corria o **Córrego da Busta** responsável pela inundação naquela área, nos dias de temporal. Do outro lado ficava a rua do **Passa e Fica** onde se destacava a casa de Manoel Clementino numa ponta e Nega (viúva de Manoel Agostinho) na outra.

Por trás do Mercado Público, na saída para São Bento, o cemitério onde estão sepultados membros das famílias pioneiras do lugar.

Era assim a urbe Serra Negra nos anos 30, pequena e acolhedora.

(*) O povo da terra pronunciava Leonidas.

FILHO ESTADISTA DE SERRA NEGRA

A preocupação com o ensino sempre foi uma constante nas famílias serranegrenses. Daí por que a cidade detém um alto índice de diplomados em nível superior. Desde os tempos do Padre Guerra, em Caicó, do Padre Rolim, em Serra Negra, que os líderes locais procuravam melhor ensino para os filhos. Um exemplo marcante desse procedimento pode-se citar o Dr. Juvenal Lamartine de Faria, filho do Cel. Clementino Monteiro de Faria da Fazenda Rolinha. Juvenal nasceu a 09 de agosto de 1874 e quando tinha oito anos de idade, os pais se transferiram para a vila de Serra Negra (1882) a fim de lhe assegurar melhor ensino. Naturalmente que havia outros filhos porém o costume da época era escolher aquele que apresentasse mais inclinação para os estudos e se investia nele. Foi este o caso. A partir daquele ano, a vida do menino Juvenal tomou um caminho de vitórias e grandes feitos.

Em Serra Negra, o menino foi matriculado na escola pública, na época dirigida pelo professor Antônio Carlos de Medeiros. Em 1890, já adolescente, foi estudar em Caicó com o professor Manoel Augusto Bezerra de Araújo. Em 1891 matriculou-se no Atheneu Norte-riograndense, em Natal. Transferiu-se para a capital da Paraíba, pois o Atheneu foi fechado por greves estudantis. Prestou exame na Faculdade de direito de Recife e bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1897. Foi laureado e orador da turma. Dr. Pedro Velho o convocou para servir ao então governo do Rio Grande do Norte; assumiu a redação d'A REPÚBLICA e a vice Diretoria do Atheneu. A 1° de setembro daquele ano foi nomeado juiz, para a Comarca de Acari, acumulando as de Jardim do Seridó, Caicó e o Distrito Judiciário de Santa Cruz. Em 1903 foi eleito vice-Presidente do Estado, na chapa do partido Republicano Federal, com Dr. Tavares de Lira. Em 1904 acompanhou a comissão de engenheiros, chefiada por Dr. Sampaio Correia, ao interior do Estado, por 26 dias, usando o cavalo como meio de transporte. Em 1905 foi eleito para Câmara Federal pelo Partido Republicano e se manteve Deputado por sete legislaturas seguidas. Na Câmara, como membro da Mesa Diretora

e das Comissões Permanentes e Especiais, examinou o Código Civil do Prof. Clóvis Beviláqua, no qual relatou Instituto da Posse. Na Comissão de Justiça ofereceu parecer favorável ao voto feminino. Em 1927 foi eleito Senador pelo Partido Republicano e em 1928 chegou à Presidência do Estado do Rio G. do Norte.

Apesar de só haver tido quase três anos de governo, destacam-se os seguintes serviços da sua administração: modernização do fisco; reorganização da Imprensa Oficial; melhoria considerável na Saúde Pública, especialmente no combate à hanseníese; ampliação da rede escolar, com um aumento de 82% das matrículas; reorganização da Polícia Militar, que assumiu enérgica luta contra o banditismo no interior do Estado; aumento para 6.200 quilômetros das rodovias, foram dados os primeiros passos para a recuperação dos vales úmidos e feito a primeira importação de máquinas agrícolas, visando ao início da mecanização da agricultura do algodão Mocó. Em
032 29/01/1930 foi realizado o primeiro Congresso Econômico do Rio Grande do Norte. Regularizados os registros e as Cartas de Datas e Sesmarias atingindo 1590 Datas. Criado o Aéro Clube do Rio Grande do Norte e construídos vários campos de pouso, nos principais municípios do Estado. Apoio à implantação de linhas aéreas internacionais pousando em Natal, como foi o caso da Aeropostale, Sindicato Condor e Panair do Brasil. Juvenal Lamartine não contraiu nenhum empréstimo e nem aumentou os impostos. Instituiu o voto feminino no Rio Grande do Norte que saiu na frente dos demais Estados do Brasil. Governou somente dois anos e nove meses e foi deposto pela chamada Revolução de 30. Foi exilado para França onde permaneceu até 1933. Ao retornar do exílio abandonou a política e passou a se dedicar à atividade agro-pastoril, atividades culturais e filantrópicas. Tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado, da Academia Norte Riograndense de Letras, do Rotary Clube e da Maçonaria.

Relativo a esse extraordinário serranegrense, algumas personalidades do Rio Grande do Norte escreveram depoimentos que vale a pena serem revistos:

Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros: - "Nunca transigiu, no ponto de vista moral, com coisa nenhuma em toda sua vida política. A sua linha era uma só, um caminho só, um objetivo só, servir ao Rio Grande do Norte e ao progresso do Estado."

Luiz da Câmara Cascudo: - Lamartine não foi apenas um magnífico conversador, um "causeur". A voz empostava as modalidades e sobretudo os gestos. Aquela figura angulosa. A gesticulação. A mímica das mãos eloqüentes. O sublimado do olhar malicioso. Os casos picarescos, vivos, eram constantes e são hoje uma presença na minha saudade."

Manoel Rodrigues de Melo: - "Fiel às suas idéias e ao seu temperamento, era ao mesmo tempo, um homem cordial, maneiroso, tolerante, dando à sua palestra com os amigos um certo ar de malícia e sensualidade, que era, por assim dizer, o tempero da sua fabulação amena e correta.

Dr. Edgar Barbosa: - "Antes de qualquer homem de Estado brasileiro, Juvenal Lamartine foi o percursor da mudança no "status" feminino, alforriando a mulher da servidão secular, sem que ela perdesse ou renunciasse os deveres que lhe corriam no dualismo doméstico. Com o direito de votar, que era a sua carta de cidadania, a mulher brasileira conquistou acesso às Universidades, aos empregos públicos, às assembléias políticas, aos poderes Executivos e judiciários."

Jornalista Nilo Pereira: - "Tinha o arrojo do reformador, ainda incompreendido, como todo aquele que inova e abre caminhos. Como político e jurista, parlamentar preocupado com os novos tempos, alargou o campo do Direito Civil e Constitucional no capítulo fundamental dos direitos e dos deveres, até colocar a mulher no plano da construção político-social pelo direito do voto."

Veríssimo de Melo: - "Eu o vejo, pela primeira vez, na Av. Tavares de Lira, cercado de amigos e admiradores. Alto, elegante, extremamente cordial para com todos que dele se aproxima, falando baixo e tranqüilamente, confesso que tive tremenda surpresa quando o comparava mentalmente com aquele outro que a minha imaginação pintara, através das informações falsas que os

seus inimigos espalharam por todo o Estado e até pelo País inteiro."

Prof. Rômulo Wanderley: - "A sua ambição era a dos espaços ilimitados, onde voam as águias e os condores. Daí o seu encantamento pela aviação, sonho de tantos idealistas..."

Dr. Paulo de Viveiros: - "Pareceu-me um vaidoso, à distância; era, no entanto, um homem de pulso férreo e, às vezes, magnânimo."

Dr. Aluízio Alves: - "Prefiro evocá-lo na afirmação de uma personalidade que não cultiva a neutralidade como fórmula hábil e descaracterizada de agradar a todos, violando-se a si mesmo. Teve a coragem de fazer inimigos. Teve a alegria de fazer amigos.

Dr. Djalma Marinho: - Quero destacar, porém, que há uma diferença profunda entre o político e o estadista. Sem qualquer demérito às grandes figuras do nosso passado, comprovo que o **estadista que o Rio Grande do Norte nos deu**, no tempo histórico-político, foi Juvenal Lamartine de Faria.

134

Três frases de Juvenal Lamartine que demonstram a grandeza de sua personalidade:

1."O bom amigo é uma das coisas mais preciosas que podemos adquirir, e conservá-lo é um dever. Sejam leais aos seus amigos e jamais sacrifiquem uma boa amizade por intolerância política. Podemos ser amigos de nossos adversários políticos, como podemos ser amigos de uma pessoa que professe religião diferente."

2."Eu não temo a mocidade. Ao contrário, nela me revejo e me orgulho como os pais nos filhos, porque será ela que continuará o meu trabalho e as minhas idéias. Da mocidade me aproximo e a encorajo e a estimulo."

3. No leito de morte, Juvenal Lamartine respondeu a uma das suas filhas que insistia para que ele se confessasse: "Não tenho do que me penitenciar. Nunca ofendi a ninguém. Só persegui indivíduos que estiveram fora da Lei.!"

Juvenal Lamartine de Faria, casou-se em Acari, onde tinha se tornado Juiz de Direito, com Silvina Bezerra de Araújo Galvão e o

casal gerou dez filhos: Olavo, Clóvis, Octávio, Silvino e Oswaldo. As mulheres foram: Olga, Maria de Lourdes, Juracy, Paulina e Elza. Juvenal Lamartine de Faria faleceu em Natal, cercado de sua família, no dia 18 de abril de 1956.

DESCENDÊNCIA DE MANOEL PEREIRA MONTEIRO ATÉ JUVENAL LAMARTINE DE FARIA

Pioneiro MANOEL PEREIRA MONTEIRO e sua mulher TERESA TAVARES DE JESUS

|

MONOEL PEREIRA MONTEIRO (2°) e sua mulher Teresa Maria da Conceição

|

ANTONIA MARIA DO ESPÍRITO SANTO (Pereira Monteiro) Casada com João Gomes de Faria(*)

|

6 JOAQUIM GOMES DE FARIA casado com Francisca Maria de Jesus

|

JOSÉ CLEMENTINO DE FARIA casado com Joaquina Maria da Conceição

|

CLEMENTINO MONTEIRO DE FARIA casado com Paulina Umbelina dos Passos

|

JUVENAL LAMARTINE DE FARIA

(*) João Gomes de Faria era filho de Francisco Xavier de Faria e sua mulher Manoela Alves da Conceição. Este casal era pernambucano da região de Serinhaém, embora tenha habitado a localidade paraibana de Panati, hoje Paulista. Presume-se que os Faria seriam parentes dos Pereira Monteiro.

FILHO POLÍTICO DE SERRA NEGRA

Entre os anos de 1794 e 1819 aconteceram, em Serra Negra, quatro casamentos na família de Manoel Pereira Monteiro(2°). As filhas Antônia Maria, Maria José e Ana Maria casaram-se com os irmãos Faria procedentes de Pernambuco e o filho Francisco Pereira Monteiro casou-se com Joana Pereira de Araújo, filha do Sr. Francisco Rodrigues Mariz das bandas de Pau dos Ferros.

Esses casamentos marcaram a entrada na família Pereira Monteiro, dos Faria e dos Mariz, bifurcando assim a família fundadora de Serra Negra. Os Faria cresceram mais rapidamente, pois tiveram três casamentos, enquanto que os Mariz só tiveram um, tendo um crescimento mais lento.

O personagem mais destacado dessa família foi **Dinarte de Medeiros Mariz**, nascido a 23 de agosto de 1903. É oportuno esclarecer a respeito do local de nascimento de Dinarte; seu irmão Descarte, fez o seguinte depoimento no livro "Dinarte 80 anos": "Nasci, como também Dinarte, na Fazenda Solidão, **na parte chamada Areias**, banhada pelo riacho do mesmo nome. Pertencia ao meu pai, Manoel Mariz Filho, Major da Guarda Nacional e fiscal da Fazenda Federal em Caicó, proprietário rural e agropecuarista." 03

O jovem Dinarte, muito inteligente e inquieto, teve alguns problemas com os parentes em Serra Negra. Consta que pretendia a Prefeitura (na época chamava-se Intendência) local. Houve restrições dos parentes, ele se aborreceu e transferiu-se para Caicó onde iniciou sua carreira política. É do **Dr. Mário Moacir Porto** o seguinte depoimento: "... muito moço ainda, dissentiu de toda a família para filiar-se à Aliança Liberal, que tinha Getúlio Vargas e João Pessoa como candidato à Presidência e Vice-Presidência da República, o que representou uma corajosa afirmação de sua independência ou rebeldia. Firmou-se, rapidamente, como um dos mais prestigiados líderes do movimento, que tinha Café Filho o representante mais destacado. Vitoriosa a Revolução de 30, foi

eleito Prefeito de Caicó..." Uma vez nesta cidade, Dinarte desenvolveu várias atividades desde o comércio de algodão à política e o **Dom Eugênio Salles** assim falou sobre ele: "Desde muito jovem, tomei conhecimento das múltiplas atividades de Dinarte Mariz. De certa forma, já o incluía entre as figuras mais representativas do Seridó."

Vivendo no coração do Seridó, Dinarte teve a oportunidade de participar dos momentos mais críticos da região (radicalismo político, secas prolongadas etc). **Dr. Cortez Pereira** conhecendo bem o personagem, fez o seguinte depoimento: "É desse chão (Seridó) e dessa gente que Dinarte procede e, mais do que a procedência, é em razão de tudo isso que Dinarte vive e é. Impossível imaginá-lo sem a lembrança do Seridó, impossível ouvi-lo sem ouvir as histórias dos homens e da terra do Seridó."

Motivos pessoais o levaram a ficar ao lado da Revolução de 1930, porém chegou à conclusão de que não era aquele os seus ideais políticos e logo tomou uma decisão surpreendente. **Dr. Tarcísio Maia** fala sobre isso: "Em 1934 foi um dos fundadores do Partido Popular, reencontrando-se com Dr. José Augusto, Dr. Elói de Souza, Dr. Juvenal Lamartine e tantas outras figuras. Integrou-se de corpo e alma naquela memorável campanha que levou Rafael Fernandes ao Governo do Estado. O jornalista **Edílson Varela**, dos Diários Associados, adiantou: "Autêntico líder, conquistou essa liderança pelo seu esforço e pela luta que sempre sustentou pelos princípios, pelos quais se bateu. Nunca recuou na defesa de suas teses e mantém hoje o mesmo entusiasmo com que lutou nos idos de 1935 em defesa da legalidade." Ainda dentro do assunto, **Marcos Maranhão** completou: "Em 1935 é o comandante que mantém a legalidade, chefiando a coluna armada que enfrentou a rebelião em nosso Estado. Participou do combate no povoado de Panelas (hoje Bom Jesus). Organizou a resistência na Serra do Doutor, indo em seguida conseguir reforços militares na Paraíba, com o Gov. Argemiro."

Morando em Caicó com as atividades voltadas para o comércio de algodão, Dinarte não se desligava da política, em que já vinha militando desde 1930. O **Dr. Alcimar Torquato**, do

Tribunal de Contas do Estado, assim se manifestou: "Mas o destino o fez grande em tudo e a sua grandeza nascida justamente de sua humildade e de sua capacidade, características de sua genealogia e da geografia de sua região - o Seridó."

Como Governador do Estado, apesar de ter feito um governo político, mesmo assim criou a sua mais importante obra de governo- a Universidade. **Dr. José Bezerra de Araújo** assim se expressou sobre o assunto: "Foi este homem de "poucas letras" e muita leitura que criou, no seu governo, a nossa Universidade que tantos benefícios têm trazido para nosso Estado."

Ainda sobre a Universidade, **Dr. Onofre Lopes da Silva**, o primeiro Reitor, assim se expressou: "Dinarte foi o grande respaldo das característica da Universidade, que se fez forte, com bases morais seguras, capaz de resistir aos tropeços e aos vendavais, considerados naturais para instituição tão complexa.

Sobre a maneira de ser e agir, o **jornalista Carlos Castelo Branco** escreveu o seguinte: "Homem de voz suave e convivência amena, generoso com os amigos, é na luta um tanque de guerra, seja qual for a trincheira na qual se situe." E finalmente é **Diógenes da Cunha Lima** quem arremata com esta frase: "Nunca perdeu o jeito de matuto daqui e até mesmo industrializa a sua condição de seridoense-nordestino com eficaz sabedoria política."

Serra Negra teve o privilégio de oferecer ao Brasil dois filhos importante: Juvenal Lamartine de Faria o estadista e Dinarte de Medeiros Mariz o político. Ambos com suas características próprias prestaram relevantes serviços ao pequeno Rio Grande do Norte assim como também ao Brasil. O primeiro encerrou suas atividades políticas com a Revolução de 30 e o segundo teve naquela revolução o início de sua caminhada que só terminou com a morte e mesmo assim na condição de Senador da República. O Estado do Rio Grande do Norte e o Brasil têm uma dívida com esses dois homens públicos que, certamente, jamais pagará.

Dinarte disse, certa vez, sobre Juvenal Lamartine: "...é um

> home do seu tempo e de todos os tempos.

DESCENDÊNCIA DE MANOEL PEREIRA MONTEIRO ATÉ DINARTE DE MEDEIROS MARIZ

Pioneiro MANOEL PEREIRA MONTEIRO e sua mulher TERESA TAVARES DE JESUS

|

MANOEL PEREIRA MONTEIRO(2º) e esposa
Teresa Maria da Conceição

|

ROSA MARIA DA CONCEIÇÃO (Pereira Monteiro) casado com
Francisco Pereira Mariz(*)

|

MANOEL PEREIRA MARIZ 1827 casado com
Joana dos Passos 1830

|

MANOEL PEREIRA MARIZ Fº - 1869/1930 casado com
Maria Cândida de Medeiros 1878/1962

|

DINARTE DE MEDEIROS MARIZ

(*) Francisco Pereira Mariz, por ser neto de Manoel Pereira Monteiro(2º), casou com uma tia, irmã do seu pai Francisco Pereira Monteiro. Esse, por sua vez, era casado com Joana Pereira de Araújo descendente de Tomaz de Araújo Pereira de Acari. Ela, no entanto, era filha de Francisco Rodrigues Mariz e Maria Benta Pereira residentes em Pau dos Ferros no Oeste potiguar.

PERSONALIDADES SERRANEGRENSES DOS ANOS 30

A sociedade serranegrense dos anos 30 tinha características próprias; hábitos simples e desconfiados, o resultado de uma comunidade isolada com atividade econômica voltada principalmente para a pecuária. Esse tipo de sertanejo era facilmente encontrado nas figuras locais.

ANANIAS MONTEIRO agente postal mas quem dirigia a Agência dos Correios era sua filha Maria Laura, mulher de grande atuação na comunidade. Ananias era um homem de conhecimentos limitados e sem nenhuma ambição futura. Creio que fora de Serra Negra ele só conhecia sua própria fazenda, onde raramente ia. Falava nasalado e era avesso a qualquer tipo de violência. Consta que o maior susto sofrido na vida foi quando o cangaceiro Antônio Silvino entrou, sorrateiramente, em Serra Negra e o surpreendeu, exigindo alimentos para seu bando. É de se prever a sua reação. Tia Jovelina, sua esposa, era uma mulher enérgica acostumada a dar a última palavra em tudo e em nome da paz, tio Ananias concordava.

ARTHÉFHIO BEZERRA fazendeiro e boiadeiro. Pela sua atuação no comércio de boiadas, era muito solicitado pelos visitantes. Tinha grande amor à terra a qual dedicou toda a sua vida. Tia Ambrosina, a esposa, mulher extraordinária dentro da comunidade, assim como nas suas propriedades onde atuava com energia. Arthéfhio Bezerra, com sua formação de professor, cuidou para mandar os filhos estudarem fora e com isso tornou-se também um dos pioneiros em Serra Negra, com filhos formados em nível superior. Garibaldi e Antônio tornaram-se médicos e Vauban engenheiro civil.

CHICO HONORATO fazendeiro e policial. No início do Século, quando o sertão do Rio Grande do Norte era, freqüentemente, invadido por cangaceiros, o Governo da Província o nomeou Tenente da Polícia na função de Delegado de Serra Negra. A sua atuação enérgica como xerife, trouxe tranqüilidade à população,

apesar da fronteira da Paraíba ser bem próxima. Homem corajoso, de temperamento forte, por muito tempo prestou um bom serviço à comunidade. Seu maior problema, como policial, foi quando teve de vestir a farda para comparecer a uma solenidade onde estava presente uma alta autoridade do Governo.

GUILHERME JOSÉ DA SILVA. A distinção entre o fazendeiro e o vaqueiro não era problema para Guilherme do Trapiá. Ele assumia as duas funções na fazenda. Montado num cavalo cardão e trajando vestes de vaqueiro, participava de toda apartação ocorrida na região. Visitava Serra Negra quase diariamente e mesmo nesses momentos não se apartava de um belo chapéu de couro. Homenzarrão bonito, impressionava pela presença. No incidente provocado pelo cabo João Maria em 1935, Guilherme cruzou no centro da praça com um soldado conduzindo um fuzil já engatilhado e com o seu cajado afastou a ama para o lado e falou energicamente ao soldado: "...guarde esse fuzil; aqui ninguém tem medo disso não..." Por conta dessa observação, ele foi constrangido pela polícia, apesar da idade avançada.

DEROSSI DE MEDEIROS MARIZ irmão do político Dinarte Mariz, em 1930 também ficou com a revolução e por conta disso recebeu a nomeação para prefeito revolucionário de Serra Negra. Homem moderado, conseguiu atravessar aquela crise sem se incompatibilizar com os Faria. Sua esposa D. Leonila era Diretora do Grupo Escolar.

DESCARTE DE MEDEIROS MARIZ também irmão do político Dinarte Mariz sucedeu ao irmão Derossi na Prefeitura. Na sua administração fez Serra Negra crescer na parte alta afastando-se do rio. Construiu o Mercado, lá em cima, e transferiu a feira para lá. Era casado com Sofia, filha de Clementino Faria, o moço.b.

EPITÁCIO FARIA, fazendeiro, era o prefeito da cidade quando explodiu a revolução de 30. Por conta disso teve sua casa invadida e depredada pelos "revolucionários", violando um item do acordo feito entre Artéfio Bezerra e os líderes locais da revolução: "respeitar as famílias e a propriedade". A esposa Osmila, irmã de Dinarte Mariz o revolucionário de Serra Negra.

LEONIDAS, fazendeiro e proprietário do único sobrado que

havia na cidade, onde ele passava a maior parte do ano. Asmático em alto grau, estava sempre em crise, daí por que tomava injeções constantemente. O seu estado de saúde o impedia de descer à rua e como era grande apreciador do jogo de cartas, reunia no sobrado os parceiros e entrava pela noite a dentro. Quando a asma atacava, ali mesmo na mesa de jogo, ele próprio injetava o medicamento em si a fim de controlar a crise. Com a morte de Leonídas o sobrado passou para os herdeiros e posteriormente vendido e demolido, lamentavelmente.

LOBINHO o seu nome era Francisco Lobo dos Santos, também fazendeiro. Morava na sua fazenda "Apaga Fogo" mas tinha casa na rua, na esquina que dá acesso à rua do Passa e Fica. O seu aspecto austero escondia um homem alegre e despreocupado. Costumava vir à rua, constantemente, montado num velho burro de sela, castanho, a fim de jogar bilhar na baiúca de Caju. D. Yaiá, sua esposa preferia vir de cabriolé. O casal bem conceituado na sociedade local, deixou uma família numerosa cujos rebentos ainda existem por lá.

RAMIRO MONTEIRO DANTAS pela vida boêmia que levava podia-se chamá-lo de filósofo. Nascido e criado na Fazenda Saudade, dos seus antepassados, era autodidata desde a alfabetização. Poeta espontâneo, genealogista da família e grande contador de "causos". Detinha um manancial de fatos pitorescos ligados à história da ribeira do Espinharas. Morreu solteirão e certamente deixou uma obra literária de valor que ainda não veio à tona. Merece uma pesquisa profunda sobre ele, a fim de enriquecer a cultura local.

VERGNIAUD LAMARTINE MONTEIRO - professor na zona rural. Sempre habitou a fazenda Morada Nova de propriedade da família. Destacou-se na atividade literária quando publicou dois livros, de poesia, ambientados na vida sofrida do Sertanejo. Prestou um grande serviço à História da cidade quando publicou a MONOGRAFIA DE SERRA NEGRA DO NORTE, onde registrou preciosas informações históricas. Professor Vergniuad foi um dos intelectuais nascido na ribeira do Espinharas.

JOSE BERNARDO MARIZ com a sua simpatia e seus olhos bem

azuis ia conquistando os amigos, desde os mais altos na sociedade até os vaqueiros nos moirões de porteira da vaquejadas onde ele sempre se destacava.

Essas pessoas comentadas representam uma amostragem da sociedade serranegrense dos anos 30. Um funcionário público, um boiadeiro, um policial, um vaqueiro, dois revolucionários de 30, um jogador, alguns fazendeiros e um professor. Todos deram a sua contribuição para o desenvolvimento da comunidade. Porém não foram somente estes; muitos outros também tiveram a sua maior ou menor participação no desenvolvimento da comunidade, e como não tenho como comentar todos em particular, a homenagem do autor se faz presente citando alguns nomes: Arécio Batista, Chico Faria, Edson Faria, Hugo Batista, , José Lobo, Nilo Faria, Bruno Batista, Zuza Honorato, Sr. Feliciano, Sr. Otaviano Goteira, da Faz. Conceição e tantos outros que a memória não conseguiu trazer de volta. Essa plêiade de sertanejos teve grande importância na visão de um garoto de dez anos que deixou Serra Negra em 1937, ficando na sua mente todas essas imagens aqui registradas.

OS ANÔNIMOS

Nos anos 30, Serra Negra, apesar de ser sede municipal, era apenas um vilarejo, onde viviam aproximadamente quatrocentas pessoas, imprensadas entre o rio Espinharas, o Serrote da Igreja e a Serra Velha. A única atividade econômica ali desenvolvida era a agropastoril. Mesmo assim a cidade tinha vida e o funcionamento daquela urbe dependia essencialmente de algumas pessoas anônimas cujos nomes tentarei recuperar, por uma quetão de justiça.

Um visitante qualquer ao chegar à cidade, invariavelmente, se dirigia à casa de D. SINHÁ onde havia condições de hospedagem. Aquela senhora, originária dos Cunha de Jardim do Seridó, chegou a Serra Negra, acompanhando o esposo, em junho de 1888, onde enviuvou. Senhora austera e de poucas palavras, era mãe de Artéfio Bezerra e vivia independente explorando uma padaria e uma hospedaria. Na casa vizinha estava tia AMBROSINA (esposa de Artéfio Bezerra), uma senhora muito respeitada na comunidade, cuja origem era no seio dos Faria e trazia a garra dos pioneiros. Recebia muito bem e participava de todo e qualquer acontecimento local. Conta-se que na invasão de Serra Negra, na Revolução de 30, ela negou água de beber a um "revolucionário" que andava desacatando as pessoas, especialmente se pertencia à família Faria. Acolhia em sua residência pessoas do povo que terminavam lhes prestando um inestimável serviço; foi o caso de ZÉ LIMA e AMÉLIA que só saíram da sua companhia quando casaram. Por uma questão de caridade acolhia um pobre homem, esquizofrênico conhecido por Chico Doido, inofensivo, porém perturbava os ambientes tentando participar das conversas. Tia PAULINA, viúva do finado Júlio Batista, uma heroina que teve uma prole numerosa, o esposo com uma doença incurável e enfrentou sozinha uma viuvez precoce.

No antigo Mercado Público encontravam-se várias pessoas merecedoras de registro: CHICO TIBÚRCIO, bodegueiro e Juiz Municipal; JOÃO DA FARMÁCIA, boticário com sua maciez no

atendimento ao público; EUZÉBIO PEREIRA, um rico emergente beneficiado com uma sorte na Loteria Federal, SEVERINO ARISTIDES e sua banca de carne de sol, CHICO ROSA o fumeiro que trazia a sua mercadoria do Brejo da Paraíba de quem meu pai era freguês, DIONÍSIO o barbeiro que sabia tudo que acontecia na cidade; e finalmente, na casa ao lado, funcionava a baiúca de CAJU, onde se reuniam os adeptos do bilhar ou das cartas.

No setor de Educação, estiveram por lá, nas funções de professor do Grupo Escolar, RAIMUNDO NONATO DA SILVA, JOÃO DE DEUS, D. LEONILA esposa de Derossi Mariz e D. MIRTILA esposa do fazendeiro Zé Lobo. No correio estavam MARIA LAURA uma importante senhora da comunidade e COLATINO o telegrafista que se foi para o Sul e nunca mais retornou.

A Matriz, embora fosse zelada por D. MULATA, esposa do marceneiro PAULINO PONTES (TIO PAULO), quem tocava o sino era CABORÉ conhecedor de todos os toques; para missa, enterro de anjo, de adulto masculino ou feminino. O vigário PADRE NATANAEL DE MEDEIROS, residia em São João do Sabugi e só aparecia, por lá, nas quatro festas do ano.

Os artesãos mais destacados eram JOÃO SAPATEIRO, criador de um modelo de alpercatas tipo "cangaceiro", preferida pela durabilidade. O marceneiro NEWTON, um artista, na sua especialidade, mas por falta de alguém que cuidasse do assunto ele fazia até caixão de defunto, SEBASTIÃO ALEXANDRE fazia arrelhadores de crina cordas de laçar em couro cru. NEGA, viúva de Manoel Agostinho, confeccionava calças masculinas com perfeição e as filhas de tia Jovelina, IRACY e JURACY, estilistas em roupas femininas.Os intelectuais da época eram EULÂMPIO MARIZ, além de escrivão era solicitado para discursar nas solenidades; e o professor VERGNIAUD MONTEIRO, poeta e pesquisador da História de Serra Negra. Havia também um tipo popular muito falante, chamado Pedro Menino que costumava aparecer às reuniões, embaixo da timbaubeira do Mercado, usando um vocabulário pedante, porém a cultura estava bem distante dele.

A parteira, uma atividade muito importante para comunidade era

exercida por D. AMÁLIA esposa de Manoel Clementino. Ela foi responsável pelo nascimento de um grande número de crianças da cidade. O casal morava na rua do Passa e Fica e eles próprios geraram nove filhos. Quatro homens e cinco mulheres. Os homens eram: QUINTINO, sargento Músico do Exército Nacional. Em 1935 ele chefiou em Natal a Intentona Comunista. SALATIEL e SEBASTIÃO, tornaram-se policiais em cargos de destaque na Polícia do Rio Grande do Norte e o mais novo deles, conhecido por MUTUCA, com seu espírito alegre, tornou-se funcionário do DETRAN, na administração de Gastão Mariz e, nas horas vagas, confeccionava alpercatas de rabicho. Das mulheres, destacaram-se MARIA ISABEL que se tornou esposa de Descarte Mariz e Ozana viúva de Francisco Bezerra, irmão de Artéfio Bezerra. Ainda sobre Manoel Clementino vale registrar que ele teve um filho do primeiro casamento que levou o seu nome e foi participante do bando de Antônio Silvino. CHICO MATIAS, um ex-soldado de polícia que adotou Serra Negra e só saiu de lá, na seca de 32, indo para Monte Alegre/Rn, acompanhando Juvenal Faria. Do outro lado do rio oravam dois personagens merecedores do registro: ZÉ PAULINO e NOÉ. Ambos auxiliavam as pessoas impedidas de chegar à cidade, em razão da cheia do rio; e o " camioneiro" ANTÔNIO DO JUAZEIRINHO que sempre recebia o auxílio daqueles ribeirinhos. Uma citação especial a José Honorato, um grande amigo que o meu pai considerava. ARISTÓTELES, que representa muito bem os vaqueiros daquela ribeira, figura ligada a Lafayete Faria a quem serviu por muito tempo.

Os velhinhos de Serra Negra eram conhecidos de todos: as irmãs LAURA, DAS DORES, ALMIRA, GENEROSA e OLÍVIA, conhecidas como as Velhas do Arroz, morreram quase centenárias. TEREZA VELHA uma negra apelidada de Jaú (ela odiava o apelido) e MARIA CONSTANTINA, ambas ainda faziam serviços domésticos. O velho LEOPOLDO fazia serviços de pedreiro e finalmente BENEDITO e CLAUDIANA, ex-escravos que habitavam a senzala do sobrado de Leonídas. Esse casal era uma relíquia viva da História da Colonização da Ribeira

do Espinharas.
ELES FAZIAM SERRA NEGRA PULSAR.

A memória do autor só chegou até aí; caso alguém tenha ficado de fora, peço as minhas desculpas.

Nos anos 30, Serra Negra era assim, um caldeamento de famílias (Pereira Monteiro, Faria, Mariz, Bezerra e outras), um povo acolhedor e carregando uma forte carga genética dos seus ancestrais, criando aquele tipo longilíneo, de cor branca, olhos muitas vezes azuis, cabelos castanhos e completamente lisos.

NOMES ESTRANGEIROS

Chateaubriand, Lafayete, Vauban, Bossuet, Lamartine, Boileau, Vergniaud, Foch, Descarte, Derossi, Newton, Wellington, Edson, Nélson, Romeu, Scipião, Baruc, Abacuc e outros tantos mais.

Por incrível que pareça, esses nomes estrangeiros são encontrados em habitantes da ribeira do Espinharas, Serra Negra, no Seridó do Rio Grande do Norte, uma comunidade tipicamente sertaneja com raízes lusas através dos canaviais da Capitania de Pernambuco.

Esse fato insólito vem de longe preocupando os pesquisadores da História do Rio Grande do Norte; Olavo Medeiros F° afirma que tudo teve origem no século passado, quando o padre Ignácio de Souza Rolim, ex-vigário de Serra Negra, com seu colégio em Cajazeira/Pb, mantinha um alto nível de ensino aos jovens da região,com acesso às obras literárias editadas na época.

Em 1987, saiu o livro SERIDÓ = SÉCULO XIX (Fazendas & Livros), da autoria do padre João Medeiros Filho e Oswaldo Lamartine de Faria, ambos seridoenses da gema, onde o assunto dos nomes inusitados foi abordado. Esse livro traz informações valiosas "...da vida cultural e intelectual das fazendas seridoenses". No prólogo os autores fazem uma indagação: "...que livros existiam nas fazendas seridoenses do Século passado?"

O trabalho deles, que não foi fácil, era identificar e localizar as obras, xerocopiar as capas e as páginas de interesse, para ilustrar os comentários necessários. Foi um trabalho penoso , pois as fontes de informações - os antigos moradores das fazendas praticamente já haviam desaparecidos. Mesmo assim, chegaram a treze o número dos livros, os quais estão inseridos no trabalho.

Recentemente, o próprio Oswaldo Lamartine localizou, num sebo do Rio de Janeiro, um livro que se não fosse comum nas estantes das fazendas, pelo menos deve ter estado em alguma delas lá pelo Espinharas, ou na biblioteca do Colégio do Pe. Rolim, onde

alguns filhos de Serra Negra estudaram. Trata-se do livro com um título quilométrico: "GALERIA PITTORESCA DE HOMENS CÉLEBRES DE TODAS AS NAÇÕES E ÉPOCAS. O exemplar encontrado , que pertenceu a família Areia Leão, contém ligeiras biografias de duzentas celebridades mundiais acompanhadas dos respectivos retratos. O volume encontrado é já da terceira Edição em 1873 e foi composta pelo Dr. J. PH. ANSTET . A Editora no Rio de Janeiro é Casa dos Editores-Proprietários Eduardo & Henrique Laemmert localizada na época no número 68 da rua do Ouvidor. Se essa obra deveria ter sido inserida no livro SERIDÓ do Pe. João Medeiros Filho e Oswaldo Lamartine de Faria,só os autores poderão dizer, mas que ela concorreu para os nomes esdrúxulos de alguns serranegrenses, acho que não há a menor dúvida

O SOBRADO

É possível que Serra Negra tenha sido a única cidade do Seridó que teve um sobrado com senzala. Foi a casa da Fazenda Serra Negra, construída em 1735 por Manoel Pereira Monteiro. Existe dúvida se foi o pai ou o filho, ambos tinham o mesmo nome.

O sobrado existiu no vértice formado pela rua de baixo, com a antiga rua do Mercado. Era vizinho, pelo lado sul, com a casa de tia Paulina, viúva de Júlio Batista e pelo lado oeste, com a casa de Dona Sinhá, mãe de Artéfio Bezerra, embora existisse um beco separando as duas casas.

O sobrado era uma construção majestosa, de alvenaria, em estilo barroco-colonial. A frente, virada para a praça, tinha uma escada de acesso, também em alvenaria e em semicírculo, que levava à sala de entrada. Na fachada, em cima, eram: janelas para todos os lados do prédio; na parte baixa havia portas altas que levavam para dentro da senzala.

051

A família habitava na parte de cima, onde havia salas, quartos, cozinha, despensa etc., embaixo, a senzala que abrangia todo o porão do prédio. Aos fundos, uma longa escada de alvenaria, da cozinha até o chão e da senzala existiam portas para o terreno dos fundos.

Aquela construção, desde Manoel Pereira Monteiro, foi passando para herdeiros até chegar aos anos 30 nas mãos do fazendeiro Leonídas Monteiro, proprietário da Faz. Aroeiras. Naquela época ele habitava o sobrado com sua família e na senzala vivia um casal de pretos, Benedito e Claudiana, com idade já bastante avançada. Diziam até que teriam sido escravos da família e lá ficaram morando mesmo depois da Lei Aúrea. Eram uns velhinhos simpáticos que atendiam as pessoas com muita cordialidade. Lembro-me que havia atrás do sobrado um limoeiro (talvez o único de Serra Negra, na época) e muitas vezes fui até lá pedir limão para fazer chá (remédio de gripe naquela época) e Claudiana me atendia com a maior boa vontade.

Em 1937 minha família deixou Serra Negra e lembro-me

bem, o sobrado estava lá no canto da praça, imponente, com a sua presença contando uma história viva, onde até os escravos se faziam representar; uma relíquia histórica do patrimônio cultural da cidade. Em 1943 retornei a Serra Negra e o sobrado já não existia. Sinceramente, senti um forte impacto emocional pela falta daquilo que era o emblema de Serra Negra, tanto pela presença majestosa, como pela história que conduzia.

Não dá para entender como deixar demolir um monumento daqueles. O setor cultural da cidade não se mexeu? É incrível a falta de sensibilidade pública para os assuntos culturais. Uma perda irreparável e irrecuperável. Lamentavelmente!

SERRA VELHA

Os serranegrenses, dos anos 30, costumavam chamar Serra Velha, aquela gigantesca formação geológica que espreme a cidade contra o rio. Aquele imenso rochedo surgiu, na formação da crosta terrestre, emergindo das profundas lá no alto da serra, criando um monumento natural que ornamenta e caracteriza a cidade.

A Serra Velha tem muito a ver com a vida daquela comunidade. Foi ela que definiu o nome do lugar e tem sido o palco de acontecimentos históricos importantes da cidade. Foi lá em cima que o fazendeiro Júlio Batista procurou ar puro para se tratar de um mal que o acometeu. Também foi para lá que a administração da fazenda Cacimbas mandou uma manada de garrotes, na seca de 32. Para surpresa de todos não houve perdas por falta de alimentos ou água. A rama do mororó, uma leguminosa abundante na chã da serra, alimentou os garrotes e uma barragem ali construída garantiu a água de beber aos animais. Num passado mais distante, o Cel. Clementino Monteiro de Faria encontrou na chã da serra, algodoeiros de uma variedade desconhecida na época. A fibra era bastante longa e ainda havia uma variedade branca e outra creme. A semente era geminada e maior do que a conhecida. Seria uma variedade silvestre? Não se tem certeza; as fiandeiras a preferiam, pelo fio forte que dava e pela oportunidade de ter fios de cor creme sem usar coloração artificial. Na chamada Revolução de 30, quando os Lamartine de Faria eram perseguidos ou caçados, foi lá em cima do rochedo que meu pai, acompanhado de alguns moradores, fizeram o esconderijo, onde podiam se abrigar e acompanhar a movimentação da tropa dentro da cidade. E, durante muito tempo, a Serra Velha era o paraíso dos caçadores de mocó. O velho Adolfo Goteira, um grande caçador que era, freqüentava constantemente a serra de onde trazia uma boa quantidade de caça , toda vez que por lá passava. É oportuno cobrar das autoridades locais a preservação ambiental da Serra Velha naturalmente em acordo com o proprietário. No futuro, aquele

rochedo poderá ter uma grande participação no desenvolvimento do turismo da cidade.

Serra Velha, o monumento que a Natureza deu à cidade, merece todo o respeito e carinho da população, especialmente dos Faria e Mariz que são os líderes da terra desde o início.

INAUGURAÇÃO DO CAMPO DE AVIAÇÃO

Com um clima de muita expectativa chega a notícia, em Serra Negra, de que o Presidente Lamartine viria de avião inaugurar o campo de aviação daquela cidade, na quinta-feira 20 de março (1930). A notícia correu de boca a boca e se alastrou rápido por toda aquela ribeira. Ver o Presidente (Governador) de perto, mesmo ele sendo filho da terra, era uma oportunidade que ninguém desprezava, especialmente se ele estava vindo de avião.

Todos queriam ver o avião pousado ali na Várzea Redonda do Sr. Feliciano. Apesar de ser meio de semana, o dia transformou-se em festa. Foi aquele desfile de moda, segundo a etiqueta local. Roupas e chapéus novos, vestidos de chita colorida para as mulheres, água de cheiro à vontade, alpercatas de rabicho e chinelos de verniz conforme o uso da terra.

A aglomeração, em torno do campo de aviação, começou desde cedo. Todos queriam conseguir um bom lugar para ver o avião de perto. A multidão inquieta ia aumentando à medida em que o tempo passava e o Sol inclemente obrigava as pessoas a procurarem as sombras das juremas. 05

Lá pelas 10 horas foi aquele rebuliço na multidão, quando foi confundido um gavião "Tourona" que, placidamente, sobrevoava o Talhado Grande, com o avião do Sr. Presidente. Mais tarde houve um momento quando se ouviu um ronco contínuo não se sabendo de que lado vinha e agitou a massa humana que procurou se aproximar da cerca de arame farpado que circundava a pista. Repentinamente surgiu do lado do nascente aquele objeto se deslocando no espaço e à medida que se aproximava ia tomando forma, logo identificado como sendo o avião. O povo, com olhos voltados para o céu, de boca aberta e garganta seca de emoção, presenciava aquele extraordinário fenômeno de o homem voar, naquela máquina diabólica, invadindo o ambiente reservado aos pássaros.

O avião circundou o campo, foi descendo, descendo, tocou ao solo suavemente e ainda correu até o final da pista, levantando

uma nuvem de poeira, que assustou as pessoas ali aglomeradas. Em seguida parou e o motor foi desligado. A multidão explodiu com palmas e a comissão de recepção envolveu o avião para receber o Sr. Presidente Lamartine e o seu aviador Cmt. Djalma Petit.

Naquele dia ninguém mais trabalhou. Houve festa na cidade, discursos e banquete na residência do Prefeito Epitácio Faria. O Avião ficou exposto para os curiosos e foi tão visitado quanto o Presidente do Estado.

Naquela data, 20/MAR/1930 Serra Negra entrava para Era da Aviação.

SERRA NEGRA NA REVOLUÇÃO DE 30

Na Revolução de 30, Serra Negra, a terra do Presidente Lamartine, foi a cidade mais visada no sertão do Seridó. O "revolucionário" Adelgísio Olinto, pessoa muito conhecida na região, dizia agir em nome da Revolução, autorizado pelo fazendeiro Quincas Saldanha, credenciado que foi, segundo ele próprio, pelo Comandante revolucionário Juarez Távora.

Serra Negra, sendo um reduto dos Faria e a terra dos Mariz, politicamente ficou dividida; A família Mariz aderiu à revolução, apoiando a Aliança Liberal que tinha o Presidente João Pessoa, da Paraíba, como candidato a Vice-Presidente da República. Assim sendo, faziam oposição ao Presidente Washington Luiz e, conseqüentemente, a Lamartine.

A campanha para sucessão, do Presidente da República, vinha esquentando lá no Sul do Brasil, porém os reflexos só chegaram a Serra Negra depois de dois graves acontecimentos ocorridos na Paraíba: o rompimento violento do Deputado José Pereira Lira, Chefe político da cidade de Princesa com o Presidente do Estado, causando uma luta armada que ficou conhecida como a "Campanha de Princesa", e, posteriormente, o assassinato, em Recife, do Presidente João Pessoa. Esses dois casos esquentaram mais ainda a campanha pela sucessão, uma vez que a oposição responsabilizava o Governo Federal pelos acontecimentos trágicos na Paraíba. Nessa altura dos acontecimentos, o movimento revolucionário no Sul do Brasil já estava em marcha e aqui no Nordeste era chefiado por Juarez Távora. O Presidente Lamartine, por medida de segurança, mandou tropas da polícia militar para Serra Negra, a fim de garantir as nossas fronteiras, em face à luta armada entre o "Território Livre de Princesa" e o governador da Paraíba. A partir daí, começaram as apreensões na família serranegrense.

O Tte. Severino Raul Gadelha, da polícia militar foi enviado a Serra Negra com a tropa e montou um plano de defesa. Diariamente fazia exercícios e manobras em plena rua, enquanto

isso a cidade era inundada de boatos, trazidos pelos camioneiros de Brejo do Cruz, São Bento e Catolé do Rocha cuja estrada cruzava a cidade. Outro fenômeno preocupante era a invasão da cidade por famílias paraibanas procedentes da área do conflito na Paraíba , fugindo da luta armada que ali se travava. A 04 de outubro chegou notícia que já havia luta armada no Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Nos dias que se seguiram, o Estado do Rio Grande do Norte foi invadido por tropa do Exército (29 BC procedente da Paraíba), ocupando Parelhas e Jardim do Seridó, destituindo as autoridades, implantando a Revolução e continuando no rumo da Capital do Estado. Por onde passava, o procedimento era o mesmo que teve nas cidades anteriores. No dia 06 de outubro chegou a Serra Negra, viajando de automóvel, o "revolucionário" Marinheiro Saldanha, com o objetivo de conseguir a rendição da cidade. Os boatos continuavam: diziam até que o Presidente Lamartine já havia sido assassinado pelos revolucionários. Em Serra Negra só havia apreensões. Ninguém sabia o que fazer e para quem apelar. O "revolucionário" Adelgísio Olinto, comandando um grupo de civis armados de 400 homens, estava acampado na passagem do Salgadinho, no entroncamento da estrada de Caicó, São João do Sabugi e fazenda Maria Paz, com o propósito de invadir Serra Negra. O fazendeiro Artéfio Bezerra deslocou-se até onde ele estava e negociou a rendição da cidade: entregavam as armas no quartel da polícia, por garantia para as famílias e as propriedades. Em seguida, houve a invasão. Prof. Raimundo Nonato da Silva, que se encontrava lá, presenciou a cena e assim registrou no seu livro A REVOLUÇÃO DE 30 EM SERRA NEGRA: "O pequeno quadro da rua estava inteiramente ocupado por automóveis e caminhões, por uma multidão de homens em armas, gente desabrida, mal encarada, que em meio à confusão e algazarra, soltava desaforos e pornografias, com ameaças de fazer tremer os céus."

A horda enfurecida, sem nenhum domínio por parte dos chefes, quebrando o acordo da rendição, iniciou as invasões e quebra-quebra de residências dos *perrepistas*, começando pela residência de Juvenal Faria e terminando pela do Prefeito Epitácio.

O controle sobre os malfeitores só foi conseguido após a chegada e os esforços do revolucionário Dedé Cirilo acompanhado pelo advogado de Caicó, Dr. Renato Dantas. A situação foi controlada e a horda começou a deixar a cidade. Os ânimos se acalmaram e o que restou foi a nomeação de Derossi Mariz para Prefeito Revolucionário da cidade. Ao assumir, o primeiro ato do prefeito foi assinado no dia 12 de outubro de 1930, readmitindo todos os funcionários que haviam sido demitidos pela Revolução.

Vagarosamente, a normalidade ia voltando e ficaram apenas, as seqüelas revolucionárias que levaram anos para sarar.

05

JUSTICEIRO DO SERTÃO

Adelgísio Olinto, o "revolucionário" que invadiu Serra Negra na Revolução de 30, era irmão do Dr. Drault Ernanny, um dos mais influentes políticos da Paraíba, nos tempos de Getúlio Vargas. Nas memórias que escreveu, Drault dedicou páginas inteiras ao irmão com o seguinte título: O JUSTICEIRO DO SERTÃO(?). Inicia dizendo o seguinte: *"...vou falar um pouco desse meu admirável irmão, Adelgísio Olinto de Mello e Silva, o Dedé, uma espécie de Rambo do Cariri,* **acostumado a fazer justiça pelas próprias mãos.** *Pelas revoltas e escaramuças em que se meteu, ora como soldado, ora como chefe político, deveria ter morrido de tiro ou de facada nos confins da Paraíba pela década de 30.*

Esse foi o homem que sitiou Serra Negra, com cerca de 400 mercenários, sedentes de sangue, recrutados por ele na marginalidade de Patos/Pb, onde gozava de plenos poderes, investido que foi pelos líderes da Revolução. A sua escolha para a missão Serra Negra, com certeza foi em decorrência de dois fatores: pela sua ousadia como o **Rambo do Cariri** e por haver residido naquela cidade, quando ainda jovem. Este último fator facilitaria a ação, caso houvesse resistência.

Adelgísio Olinto instalou o acampamento próximo a Serra Negra, enquanto o 'revolucionário" Marinheiro Saldanha, comparecia a cidade exigindo a capitulação. Artéfio Bezerra partiu imediatamente para encontro dos invasores a fim de negociar os termos da rendição. O acordo foi conseguido porém nunca respeitado. No decorrer da operação Adelgísio se mostrou sem autoridade para conter o bando indiciplinado, causando transtorno e desrespeito a população civil indefesa, depredações e saques no patrimônio local. Só com a interferência do revolucionário Dedé Cirilo e do advogado de Caicó, Dr. Renato Dantas, conseguiu se conter a ação da horda e a retirada da cidade.

Sobre esse personagem polêmico, que se ligou a história de Serra Negra, surgiu por lá na década de 10 (na seca de 15 ele estava

lá), quando o seu pai, Sr. João Olinto de Mello e Silva, de origem pernambucana, mascateava na região e morou em Serra Negra por algum tempo. Foi aluno do Prof. Possidônio e se dizia ex-colega do jovem Dinarte Mariz na escola daquele Professor.

Adelgísio, por força do prestígio do seu influente irmão Drault, nunca sofreu qualquer pressão da Justiça, por conta das suas ações ilegais(**acostumado a fazer justiça pelas próprias mãos**); morreu no Rio de Janeiro aos 79 anos de idade, de insuficiência cardíaca, *num leito de hospital, cercado dos amigos e parentes, como bom cristão(?),* no dizer do irmão.

FAZENDA CACIMBAS

A Fazenda Cacimbas, hoje pertencente ao fazendeiro Vauban Bezerra de Faria, decorreu das sobras de terra antes pertencentes à Sesmaria do rio Espinhara; Juvenal Lamartine adquiriu aquela Data de Terra e fez acordo com os posseiros ali existentes, restando em suas mãos a área daquela fazenda. Trata-se de uma gleba encravada entre o Serrote da Igreja, a Serra dos Quintos e a Serra Velha, cortada pelo impetuoso Riacho do Ranchinho, cujas nascentes estão nas fraldas da Serra dos Quintos e desemboca no rio Espinharas, bem atrás da Igreja de Nossa Senhora do Ó.

Nos anos 20, Juvenal Lamartine iniciou a instalação da aludida fazenda. Construiu o açude e atrás da parede implantou um canavial, desmatou a várzea onde plantou lavoura de algodão da fibra longa, instalou um descaroçador de algodão, um engenho para fabricar rapaduras. Simultaneamente, importou da Bahia os primeiros reprodutores da raça zebu, objetivando melhorar o rebanho local, de baixa produtividade, conhecido como "gado pé duro". Naquela época, Juvenal Lamartine mandou o filho Olavo para administrar a propriedade substituído em 1928 pelo irmão Clóvis, meu pai, que construiu a casa da sede e desenvolveu as atividades agropastoril. Foram admitidos como moradores (meieiros) as seguintes famílias: Joaquim Caçote, José 21, Adolfo Goteira e seus filhos Antônio, José, Lúcio , Emídio e Erasmo; este tornou-se o vaqueiro em substituição a Hilário Dantas cuja idade não mais permitia tomar conta de um rebanho. Ainda havia lá Epaminondas Lucena, Francisco Lucena, o preto velho Eustáquio com seus filhos João e Antônio e por fim foi admitido Sr. Pedro Ourives, embora que a sua profissão fosse de seleiro. Seus filhos, Francisco Lins, Ambrósio, José e Antônio, na época todos solteiros, eram os responsáveis pela lavoura. É oportuno registrar que os jovens Ambrósio e José, nos anos 40, envolveram-se numa briga em Serra Negra, num dia de feira, com os "cabras" de Assis Wanderley (fazendeiro em Patos/Pb) e foram assassinados em plena via pública. Foi o crime mais chocante, até então ocorrido ali.

A Fazenda Cacimbas, desde a sua implantação, sempre apresentou grande produção de algodão mocó assim como de milho e feijão. As vazantes do açude garantiam a produção de arroz vermelho, batata doce, melões e melancias. A jusante da parede com um belíssimo canavial assegurava a produção de rapaduras, para o consumo interno da fazenda. A produção de peixes era um lucro extra, todo fim de ano. Aquela era uma fazenda auto-suficiente, cuja estrutura era modelo para se enfrentar às periódicas secas da região. Em 1936, Juvenal Lamartine transferiu a Fazenda Cacimbas para o empresário caicoense , Eduardo Gurgel, encerrando assim um problema de documentação de terras com os herdeiros do seu irmão Nelson Faria, que havia falecido.

A LONGA SECA DE 1932

Naquele longínquo tempo dos anos 30, o findar de um ano, para o sertanejo, era o início de um período de especulações e ansiedades relativas ao inverno do ano que estava pra chegar. Era comum, entre os antigos, guiarem-se por "experiências" práticas, o resultado de seguidos anos de observações empíricas do tempo; uma tentativa de prever o comportamento do período relativo ao inverno, um fator primordial na economia do sertanejo.

Era essa a expectativa entre os serranegrenses na passagem de 1931 para 1932. A ansiedade era ainda maior, em vista do tempo já vir desmantelado desde 1928, ano praticamente seco. 1929 só neblinou. 1930, além de seco teve a revolução que atrapalhou a vida da população. 1931 só choveu em fevereiro e em 1932, pelas "experiências" conhecidas, nada dizia ser um bom inverno, mesmo assim o sertanejo esticou a espera até 19 de março (dia de S. José), a última esperança de inverno naquele sertão. A partir daí a ansiedade do povo aumentou e muitos deles se deslocaram para Caicó onde havia obras públicas (construção do açude Itans). E foi aquela decepção . Os homens procedentes de Serra Negra não foram acolhidos; eram considerados "cabras" dos Lamartine de Faria e não havia lugares para eles. O retorno aos lares foi dramático pois ninguém tinha mais qualquer reserva, salvo alguns fazendeiros, como foi o caso do meu pai, na Fazenda Cacimbas. A pouca reserva, ainda estocada, deu para segurar os moradores até o inverno de 1933. Até lá, o período foi terrivelmente longo e penoso, sem qualquer ajuda do governo. Os sertanejos enfrentaram a seca, assando espinho (cardeiro e xique-xique) para alimentar o que restou do rebanho bovino, a troco de uma minguada feira semanal onde entrava feijão, arroz e rapadura (produto da própria fazenda). Do açude ainda se conseguia batata doce nas vazantes e alguma piaba que estava sobrevivendo naquela água já imprópria para ser bebida.

Naquele ano de 1932, o tempo foi inclemente com os seres vivos. Não caiu uma só gota d'água, de janeiro a dezembro,

deixando o sertão despovoado e a economia sertaneja, baseada na lavoura e criação, praticamente destroçada.

A Fazenda Cacimbas conseguiu chegar ao inverno de 1933 com seus moradores em casa, algumas vacas de leite, uns poucos animais de trabalho e meio cento de novilhotes salvos em cima da Serra Velha.

1932 foi a maior seca no Seridó depois de 1877.

065

A GRANDE CHEIA

O rio Espinharas, meio paraibano e meio potiguar, nasce na Serra do Teixeira/Paraíba. São mais ou menos 20 léguas das nascentes até a barra no Piranhas, com um acentuado desnível, o que justifica as águas barrentas descendo com violência. Aí, por volta de 1934, houve uma grande cheia e a invasão da cidade foi inevitável. Desde janeiro que chovia forte nas cabeceiras e o rio estava sempre de "barreira a barreira", dificultando o acesso à cidade. A cheia era tão grande que o velho Leopoldo recolheu a canoa, suspendeu o serviço por falta de segurança; mesmo assim ele não saía da beira do rio medindo, diariamente, o nível das águas. As chuvas fortes continuaram, as águas recomeçaram a subir, no final de uma tarde abafada e chuvosa. No início da noite já inundava a parte mais baixa da cidade. A população, assustada, começou a desocupar as casas mais atingidas. No dia seguinte, pela manhã, a enchente espalhava-se pelo centro da praça e o nível das águas havia alcançado o piso do coreto. Toda a rua de baixo, com o grupo escolar, a casa paroquial, a igreja, a intendência, a cadeia pública (por sorte não havia presos nesse dia) e até a casa de Juvenal Faria estava com água na altura das janelas. O riacho do Ranchinho teve suas águas represadas pela forte correnteza do rio e em conseqüência houve inundação das casas da rua do Passa e Fica. Naquele dia, a cidade parou e os habitantes se limitavam a socorrer as pessoa das casas invadidas e ficavam a observar aquela quase catástrofe. Nenhum daqueles afamados nadadores da cidade (Mutuca, Antônio de Nega, Natércio e outros), tiveram coragem de enfrentar o rio, mesmo equipados com cavalete de timbaubeira. O dia terminou e o nível das águas não baixava, mesmo as chuvas tendo parado. No dia seguinte ainda se "navegava", na canoa de Leopoldo, em volta do coreto. Só três dias depois foi que as águas baixaram e o povo pôde começar a limpar a lama trazida pela correnteza.

O rio Espinharas, pela sua impetuosidade, mereceu do poeta popular a seguinte quadra: "É nas güelas da serra do Teixeira/

FREI DAMIÃO E "DOUTOR" FÁBIO

Não dá mais para precisar, com certeza ocorreu nos anos 1933/34. Dois acontecimentos movimentaram e tumultuaram a vida pacata de Serra Negra. A presença de Frei Damião, realizando as missões e de um tal de "Doutor" Fábio aplicando injeções de cuspe que, segundo ele próprio, curava qualquer doença.

Frei Damião, bem moço ainda, franzino, aspecto sombrio, olheiras, barba crescida e todo aquele visual de franciscano. Era hóspede da Casa Paroquial, porém as refeições eram enviadas da casa de tia Ambrosina. Comentava-se que ele só comia pão e água. Amélia, criada de tia Ambrosina, nunca confirmou se era verdade.

Como não havia energia elétrica na cidade, as pregações eram feitas à luz do dia. Armaram um palanque em frente à igreja de onde ele falava ao povo. Com o entusiasmo da mocidade e a eloqüência na oratória, impressionava o povo simples que o considerava santo milagroso. A grande maioria da população do município comparecia e se espremia em frente ao palanque. Os chamados "moleques de rua" liderados por Manuel Barrinha assediavam o palanque e eram afugentados pelo Frei Cipriano que usava como arma, o cordão de São Francisco.

As missões duraram cerca de uma semana porém a fama daquele frade ficou para sempre nas quebradas daquelas serras.

Na mesma época apareceu por lá o chamado "Doutor" Fábio. Chegou acompanhado de uma mulher e um garoto de pelo menos 10 anos de idade. Presumia-se ser a esposa e filho. A mulher auxiliava nos trabalhos de atendimento ao público e o garoto tinha a missão de cuspir, diariamente, pela manhã, num depósito de vidro, fornecendo assim a matéria prima necessária para manipular o medicamento que seria aplicado, nas pessoas, em forma de injeção.

Também como Frei Damião, aquele "Doutor" Fábio atraiu dezenas de pessoas à procura de cura para doenças que em muitos casos não existiam, mas engordaram a bolsa do afamado "Doutor".

Curiosamente, nunca soubemos de alguém que tenha tido

resultado com aquele tratamento a não ser uma pessoa da nossa família que sofreu uma fortíssima reação alérgica, o corpo ficou cheio de calombos e uma coceira incontrolável que só passava quando o tempo esquentava. Nunca mais se soube do paradeiro desse "Doutor" Fábio.

O CABO JOÃO MARIA

O cabo João Maria, era o Delegado de Polícia, em Serra Negra, naqueles dias sombrios de 1935, quando governava o Estado o interventor Mário Câmara. Por ser considerado um homem "disposto", o cabo foi escolhido para servir na terra de Juvenal Lamartine. O seu tipo físico não condizia com a fama que carregava; estatura mediana, franzino, rosto escavado, cabelos castanhos, ralos e opacos, pele amarelada comum aos portadores de verminose ou maleita. De temperamento nervoso, com freqüência perdia o controle quando altercava com alguém. Para Serra Negra ele trouxera a missão de intimidar os "perrepistas" a fim de impedi-los de comparecer às eleições que se aproximavam; o interventor queria ganhar a qualquer preço.

Investido da missão, a ele confiada, o cabo praticava toda sorte de arbitrariedades. Era comum montar piquetes nas entradas da cidade, especialmente nos dias de feira, a fim de interceptar e revistar as pessoas ligadas aos Faria. Normalmente tomava qualquer objeto que considerasse arma (canivete, faca de cozinha, cacete etc.), além de ameaçar e prender aquele que recusasse a revista. Esse procedimento rendeu muitos problemas com a população local e culminou com o grave incidente, ocorrido no Domingo 03 de fevereiro de 1935, envolvendo também o meu pai.

Eram 9 horas da manhã, daquele domingo, quando chegamos (os meus pais e eu) da Fazenda Cacimbas. Enquanto estávamos parados em frente a nossa casa, começou um tumulto na porta da loja do nosso tio Epitácio Faria. Meu pai, imediatamente, se deslocou para lá a fim de saber do que se tratava. Ao entrar na loja por uma porta lateral, encontrou o seguinte quadro: tio Epitácio sentado à escrivaninha do lado de dentro do balcão e por trás dele um homem, identificado como sendo morador de sua fazenda. Muitos curiosos em torno da loja e, na porta principal, o cabo João Maria acompanhado de um praça, falando em tom ameaçador: "...você tá preso e saia daí senão vou lhe tirar à força..." Naquele instante, pairou no ar um incômodo e profundo silêncio na

multidão que se aglomerava em torno. A tensão aumentou e poderia explodir a qualquer instante. Meu pai, que havia acabado de chegar, sem compreender bem o que estava acontecendo, julgando que as ameaças do Delegado eram dirigidas ao tio Epitácio, aproximou-se lentamente do cabo e rompeu o silêncio dizendo: "...ali você não vai entrar e nem vai prender ninguém." O cabo, com o revólver empunhado, voltou-se e dirigiu-se ao meu pai falando aos gritos: "...pois agora quem vai preso é você!" Numa ação rápida e fulminante o meu pai atingiu o cabo com o punho, tendo o revólver caído à distância. Segurou o homem pela gola da túnica, saiu com ele pendurado e o jogou na rua. Usando um apito, o Delegado deu o alarme, para os soldados estacionados na cadeia pública que atenderam, de imediato, o chamado e se deslocaram correndo com fuzis nas mãos; o meu pai vendo a intenção da polícia, arrastou o Delegado para trás de um imensa timbaubeira que existia no local, encostou o cano do revólver na cabeça do cabo e exigiu o recuo dos soldados, no que foi atendido. Diante daquele tumulto, as pessoas presentes trataram de se retirar terminando assim a feira daquele domingo. O Cabo João Maria, depois da refrega, ainda com a farda amarrotada e sem os botões, foi ao telégrafo e enviou uma mensagem ao seu comandante em Caicó, pedindo reforço para "conter um motim", na avaliação dele. Dois dias depois, um caminhão cheio de policiais, comandados por um sargento, invadiu a cidade Os policiais ali permaneceram por alguns dias, fazendo todo tipo de provocação e à noite cercavam a casa da Fazenda Cacimbas com o objetivo de prender o meu pai. Como não tiveram nenhum sucesso, retornaram a Caicó, na Sexta-feira dia presos, sem qualquer justificativa, algumas pessoas da liderança local: Artéfio Bezerra, Derossi Mariz, Édson Faria, Feliciano Pereira, Sandoval Medeiros, Sargento Climério e Gentil Soares. Foram conduzidos a Caicó, no lastro de um caminhão, escoltado por 40 soldados e um corneteiro que durante toda a viagem tocava o seu instrumento para anunciar a prisão de sete *perrepistas*. A intenção era desmoralizar.

Esse foi, talvez, o mais lamentável incidente político e policial ocorrido ali, no período após a revolução de 30. Para

tranqüilidade dos serranegrenses o interventor perdeu a eleição e a paz voltou a reinar na ribeira do Espinharas.

NOTA: Esse incidente teve origem quando o cabo João Maria abordou na rua um morador do Tio Epitácio que conduzia uma faca na cintura e recusou-se a entregar. O morador refugiou-se dentro da loja do patrão, posicionou-se atrás dele, de onde o cabo queria tirá-lo à força.

A INTENTONA DE 1935

A Intentona Comunista de 1935 foi um movimento revolucionário de caráter político, acontecido em várias partes do Brasil, especialmente no Rio Grande do Norte. Em Natal, o Movimento explodiu no dia 24 de novembro; as forças revolucionárias dominaram a Capital e implantaram um governo comunista, provisório, que durou três dias.

A ligação de Serra Negra com esse movimento foi por conta de dois fatores: um dos chefes do Movimento, de nome Quintino, sargento músico do Exército, era filho de D. Amália e Manoel Clementino, casal bem conceituado na cidade.

A colaboração que a cidade deu foi um grupo armado de voluntários para defender o Seridó da penetração do Movimento na região. Esse grupo foi constituído de pessoas da Fazenda Cacimbas, cujos nomes vão a seguir:

João Hilário - ajudante de vaqueiro.
José Branco - campeiro.
João Eustáquio - agricultor.
Antônio Eustáquio - agricultor.

Houve um quinto personagem um "cabra" chamado Joaquim Marcolino que acompanhou os voluntários e sumiu no caminho sem deixar sinal para onde se dirigiu.

Cada um desses voluntários recebeu do arsenal da fazenda, um rifle e muitos cartuchos. Dirigiram-se eles a Serra Negra e foram encaminhados, por Derossi Mariz, a Caicó, onde se juntaram ao grupo de lá. Todos foram enviados ao "front", cujas ações se desenvolveram nas localidades de Panelas (hoje Bom Jesus), Caiada e finalmente na Serra do Doutor onde os sertanejos conseguiram a vitória.

Alguns dias depois os nossos voluntários retornaram são e salvos com exceção do "cabra" Joaquim Marcolino cujo paradeiro nunca mais se soube.

Hoje existe, na subida da Serra do Doutor, um monumento em homenagem àqueles sertanejos que lutaram defendendo o Seridó.

MENINOS DE SERRA NEGRA ANOS 30

Naquele começo de década, a vida nas fazendas serranegrenses, para a garotada, tinha suas dificuldades e seus encantos. Escola só havia na cidade, obrigando os fazendeiros mais distantes a contratar pessoas que se dispusessem a desasnar os seus filhos e dos moradores que assim o desejassem. Na Fazenda Cacimbas tivemos esse problema contornado com a contratação de uma jovem de nome Aracy, substituída depois por Tasso e mais adiante pelo Ramiro Monteiro Dantas. Também não havia médicos ou postos de saúde e a vacinação só era feita quando havia algum surto na área. Lembro-me quando a bexiga (varíola) atacou na região, houve vacinação em massa. Quanto à vermifugação, cada família cuidava dos seus, usando as fórmulas do Sr. João da Farmácia. Geralmente era um purgante em óleo, de um gosto horrível que exigia até resguardo.

074

Os encantos eram a vida ao ar livre, sem limites de tempo e espaço, que terminava sempre na beira dos açudes.

Os filhos dos moradores acompanhavam os pais na faina diária: espantar os passarinhos nas vazantes de arroz, apanhar feijão ou algodão nos roçados, a colheita do milho, eram tarefas de que os meninos participavam; os filhos dos vaqueiros, pelas manhãs bem cedo, tomavam conta da porteira para botar os bezerros na ordenha das vacas e quando mais crescidos acompanhavam os pais vaquejando o gado. Essas obrigações, para os meninos, eram muito mais uma diversão e os filhos dos fazendeiros quase sempre participavam.

Nesse ambiente da fazenda, convivi com José de Guilherme e com Bezerrinha do tio Arthéphio; eles me causavam admiração pelo fato de ambos possuirem encouramentos feitos especialmente para eles. Niton, filho do Tenente Chico Honorato, tinha um junta de carneiros amansados para puxar uma miniatura de 'carro de boi", enquanto Clementino de tio Ananias tangia os burros como 'tropeiro" a fim de trazer os seus produtos das Carnaúbas para Serra Negra.

Quanto aos meninos da "rua", fui contemporâneo Vauban de tio Arthephio, de Jaime e Murilo do tio Epitácio, Dirceu e Geraldo filhos de Descarte Mariz. Lembro que Dirceu criou problemas por conta de uma bicicleta. Ele foi o primeiro menino da cidade a receber uma dos pais e usava aquela "montaria" para provocar a garotada da rua; o resultado era a meninada correr atrás dele, ora para derrubá-lo, ora querendo uma "voltinha". Mesmo criança ele já demonstrava um temperamento forte com o "pavio curto" o que lhe rendeu algumas "sovas" do pai, pela "lingua solta" que tinha e um repertório completo de palavrões.

Havia na cidade um garoto terrivel; chamava-se Manoel Barrinha, filho de "Nega" viúva de Manoel Agostinho. Esse menino era conhecido pela beligerância e participava de tudo que houvesse na cidade. Certa feita , ele subiu na carroceria de um caminhão que estava levando pessoas para uma festa e lá em cima alguém disparou acidentalmente uma arma, atingindo o garoto na espinha, ficando ele paralítico para o resto da vida. Manoel Barrinha tinha um irmão chamado José e na mesma rua, morava outro jovem apelidado de 'Mutuca"; ficou conhecido pelas suas diabruras na cidade.

Esse era o mundo da garotada dos anos 30 naquele pé de serra.

DINDINHA

Ainda convivi com a minha bisavó Paulina, viúva do Cel. Clementino Monteiro de Faria, mãe do meu avô Juvenal Lamartine, a quem chamávamos carinhosamente de Dindinha.

Ela morava com a filha Jovelina e quando a conheci já estava na casa dos 80. Em decorrência de uma queda sofrida, fraturou o fêmur e passou a viver numa cadeira adaptada. Na residência da filha, habitava um quarto com acesso à sala da frente onde as netas Iracy e Juracy trabalhavam com suas máquinas de costura. Era um ambiente bastante freqüentado e vovó Paulina gostava de participar das conversas.

A idade avançada já havia atingido o aspecto físico, assim como também o mental. Era comum ela confundir as pessoas e isso obrigava as netas a intervirem no assunto para colocar as coisas nos lugares.

Comigo deu-se um fato tragi-cômico. Vovó Paulina tinha por meu pai um carinho todo especial. Afinal de contas foi ela quem o havia criado desde a primeira infância. Sempre que eu chegava à casa da tia Jovelina ela me confundia com meu pai e para facilitar as coisas eu tinha que "representar". Ela me chamava: "Clóvis, quando você chegou das Carnaúbas? Clementino (o esposo que já havia falecido) ficou por lá? Quando ele vem? Eu dava as respostas que ela queria ouvir. Certo dia ela ordenou: "Me traga aquele maço de cigarros que está em cima da cômoda (fumava Vigilantes, um cigarro muito forte feito com fumo do Brejo e tinha as extremidades fechadas). Entreguei os cigarros e de imediato ela me ofereceu um deles. Relutei em receber mas ela insistiu. Segurei o cigarro e me senti envaidecido como se fosse um homem feito, apesar dos meus 8 anos de idade. No caminho de volta para casa, acendi o Vigilante, dei duas tragadas, me engasguei, logo comecei a suar frio e em seguida vomitei tudo que havia no estômago. Foi uma sensação horrível que nunca havia sentido. Instantes depois já estava recuperado.

Ainda hoje sou grato a Dindinha por ter, inconscientemente

HISTÓRICO RESUMIDO DA ORIGEM, EM PORTUGAL DAS FAMÍLIAS PEREIRA, MONTEIRO, FARIA E MARIZ:

PEREIRA uma das mais nobres de Portugal. Os genealogistas acreditam que ela provém de D. Mendo, irmão de Desidério, último Rei dos Longobardos, o qual veio da Itália com uma poderosa armada, a fim de conquistar o reino da Galícia na Espanha e se tornar o seu soberano. A ação foi frustrada por conta de uma tempestade no cabo Piorno , salvando-se D. Mendo e mais quatro cavaleiros , com os quais chegou à Galícia no ano de 740 , quando reinava em Leão, D. Afonso I a
78 quem passou a servir. Lá se casou com D. Joana Romais, sobrinha do Rei.

Passando sucessivas gerações dentro da família, chega-se a D. Gonçalo Rodrigues, homem rico que veio para Portugal, onde reinava D. Sancho I , que lhe deu, por seus bons serviços prestados, o Refúgio das Palmeiras, na província entre o Douro e o Minho, junto ao rio Ave. Por conta desse senhorio passou a chamar-se Gonçalo Rodrigues Palmeira.

Do primeiro casamento de D. Gonçalo, nasceu D. Rui Gonçalves Pereira, homem rico que recebeu o apelido por conta de uma Quinta que possuia junto ao rio Ave, próximo ao Refúgio das Palmeiras, no local onde havia uma torre em ruínas.

D. Rui Gonçalves Pereira casou-se com D. Sancha Henriques Portocarreiro e desse casamento nasceram alguns filhos, através dos quais o nome Pereira se

propagou.

MONTEIRO:- esta família provém de Rui Monteiro, fidalgo do tempo do Rei Afonso Henriques, morador em Santa Maria de Penaguião, na região do Douro, em cujo concelho possuía bens.

Muito rico e poderoso, casou-se com Elvira Gonçalves , filha de Gonçalo Moniz e sua mulher Maria Anes. Do mencionado casamento nasceram vários filhos que preservaram o nome da família.

FARIA:- Uma das mais antigas de Portugal; a presença dela é assinalada desde o tempo do Rei Afonso Henriques na pessoa de João Faria pai do beato Godinho, arcebisbo de Braga. Posteriormente, aparece no reinado de D. Afonso III o Frei João de Faria , clérico e conselheiro do Rei. Em 1630, no instrumento de comprovação do matrimônio de D. Pedro I com Inês de Castro, menciona-se o Cavaleiro Garcia Martins de Faria. Entre os membros da linhagem, o mais conhecido foi Nuno Gonçalves de Faria, alcaide do Solar da família, que salvou o Castelo de cair nas mãos dos castelhanos em 1373, mesmo com o sacrifício da própria vida. A descendência desse herói é das mais ilustres, entrando por casamento nas principais famílias de Portugal.

O Solar dessa família é a freguesia de Faria, termo da Vila Barcelos, no sopé do Monte da Franqueira, em cima do qual se ergueu o Castelo de Faria.

079

MARIZ:- essa família descende de Afonso Nunes Mariz e sua mulher Maria Esteves, estando o Solar da família junto à Vila Barcelos no Norte de Portugal.

A ascendência de Afonso Nunes Mariz está na pessoa de Roberto Mengo de Mariz que emigrou da França para Espanha, no reinado de D. Afonso VII e esteve na batalha contra os mouros de Cordoba e Sevilha onde cortou a cabeça do Rei mouro Bencarra. Seu filho, Pedro Mengo Mariz, casou com a filha de Nuno Afonso, alcaide-mor de Sevilha, que a ele se refere no seu testamento; seu neto, Nunes Pereira Mengo Mariz, casou com Iria Gonçalves Palomaque e são eles os pais de Afonso Nunes Mariz.

HOMENAGEM A SERRA NEGRA POR POETAS DA TERRA

"Em Serra Negra do Norte
Onde circula mui forte
O rio das Espinharas,
Compus meu rude poema
Selvagem como a jurema
Tapuio como as Igaras."
(Vergniaud L. Monteiro
Sítio Morada Nova)

****

Entre montanhas alterosas
Minha cidade nasceu.
A natureza lhe deu
O que a muitas negara:
Essas belezas tão raras
Como, em noites de invernadas,
Ter sua praça beijada
Pelas águas do Espinharas!
(Ramiro Monteiro Dantas faz. Saudade)

****

"Voltei a minha cidade,
menina do Seridó;
vim, de saudade em saudade,
rezar a virgem do Ó."
(José Lucas de Barros Serra Negra).

****

REMATE

Serra Negra e sua curiosa história, que remonta ao Século XVIII, trazem até nós as imagens de um sertão brabo, infestado de índios selvagens, convivendo intimamente com onças, cobras venenosas e outros animais perigosos.

Foi nesse sertão inóspito e ressequido que Manoel Pereira Monteiro criou, a partir dos "Currais do Espinharas", a nossa estimada Serra Negra que por muito tempo foi considerada uma espécie de feudo dos Faria e Mariz.

O caldeamento ocorrido ali com o "sangue" Pereira Monteiro, Faria , Mariz, Bezerra, Batista e outras, formou cepas com uma forte presença Celta, trazida do Norte de Portugal pelos pioneiros; três Séculos depois, ainda se identificam os vestígios na população.

Essa comunidade padeceu de isolamento até o meado deste Século; isso só fortaleceu os laços familiares entre a população que ainda hoje devota grande amor à terra.

Foi nesse ambiente telúrico, com características próprias, onde passei a minha infância. Até os 10 anos de idade vivi ali, participando de todas as atividades inerentes à vida social da comunidade, onde aprendi a amar a terra e a descobrir os valores da vida simples numa fazenda de criar. Mas, para infelicidade minha, um dia fomos obrigados a emigrar. Meu pai recebeu uma nova missão: administrar outra fazenda adquirida por meu avô Juvenal Lamartine. E aí aconteceu a mais dramática despedida que um garoto de 10 anos pôde suportar. Deu-se assim: (transcrição de parte do capítulo A MUDANÇA do meu livro O AEROPLANO, edição independente, 1983).

"A expectativa de mudança criou um clima emocional de ansiedade entre nós. Tínhamos vivido por longo tempo naquela comunidade pacata de criadores, onde nossas raízes já haviam ultrapassado oito gerações. Dificilmente se encontrava ali alguém que não fosse do mesmo "sangue". Fomos participantes nos últimos dez anos de todos os acontecimentos importantes do lugar,

desde a grande seca de 1932 até as violências políticas dos anos 30/35. Nossa família era uma célula atuante daquela comunidade. A mudança para nós era uma espécie de agressão. Significava o encerramento de um estilo de vida e o início de outro para o qual não nos sentíamos preparados."

"Toda a comunidade sentia isso e se preocupava conosco, razão por que naquele dia da partida estavam todos ao nosso lado para nos desejar boa sorte. Maria Laura, nossa prima e Agente Postal, tia Ambrosina, cujas ligações, com meu pai, vinham do tempo em que ele era criança, as figuras populares da rua que se acostumaram com as atitudes impulsivas do meu pai e até aprovavam; os moradores da Fazenda Cacimbas, cujas vidas também mudariam de rumo a partir da nossa saída. Senti nos olhos daquela gente quanto nós éramos importantes para eles. Isso me deixou arrasado, pois nada podia fazer para deter a força do destino. O "camioneiro" Joaquim Poroca encostou o seu veículo em frente a nossa casa da rua, para carregar a mudança. Todos participavam dos trabalhos inclusive eu próprio, apesar de me sentir totalmente deprimido com o fato. Içávamos para cima do caminhão os armários, as camas, malas, tamboretes, baús e objetos pessoais que iam sendo arrumados lentamente. Cada objeto que subia era como se me arrancassem uma raiz daquela terra. A tristeza aumentava. Foi quando vi sendo içada a minha sela e os arreios que sempre usava no meu cavalo "Saracura", aquele animal miúdo e dócil que me acostumara a cavalgar pela Fazenda. Nesse momento tive a certeza de que, de forma definitiva, estava me apartando dele. A emoção foi forte demais para uma criança. As lágrimas saltaram na face e o choro convulsivo só parou algumas horas depois durante a viagem.

Partimos sem nenhuma formalidade, com ligeiros acenos para os que ficavam, sem efusão, à moda sertaneja. Atravessamos o rio na passagem do Grupo Escolar e subimos a ladeira do outro lado de onde se descortina, de uma só vez, toda a cidade. Não tive coragem de olhar pra trás, pois estava certo de que aquela era realmente uma mudança definitiva e irreversível."

Serra Negra ficou para sempre no nosso coração e sempre que surge a oportunidade volto lá para rever os poucos que ainda restam daquele tempo.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

LAMARTINE DE FARIA/Juvenal VELHOS COSTUMES DO MEU SERTÃO Edição Fundação José Augusto - Natal 1965.

MONTEIRO/Vergniaud MONOGRAFIA DE SERRA NEGRA DO NORTE Centro Gráfico do Senado Federal 1953.

MEDEIROS FILHO/Olavo VELHAS FAMÍLIAS DO SERIDÓ- Centro Gráfico do Senado Federal - 1981.

CASCUDO/Luiz da Câmara Acta de Urna(Diversas) Coleção do jornal A REPÚBLICA.

LIMA/Nestor dos Santos NOTAS MANUSCRITAS SOBRE SERRA NEGRA Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

SENA/Inácio Magalhães Manuscrito sobre N.Senhora do Ó arquivo do autor.

SILVA/Raimundo Nonato A REVOLUÇÃO DE 30 EM SERRA NEGRA Coleção Mossoroense Série C Vol. CDXXV 1968.

PROVÍNCIA 3 Natal- FJA 1974 Comemoração do centenário de Juvenal Lamartine de Faria.

MARANHÃO/Marcos e REGO/Joanilo de Paula DINARTE 80 ANOS Plaquete Agosto de 1983.

CUNHA/Artéfio Bezerra - MEMÓRIAS DE UM SERTANEJO Editora Pongetti Rio de Janeiro - 1971.

ERNANNY/Drault MENINOS EU VI...E AGORA POSSO CONTAR. Editora Record 1988.

085

MEDEIROS FILHO/João Pe. & LAMARTINE/Oswaldo SERIDÓ =Século XIX (Fazendas & Livros).

FOTOS CEDIDAS

Do acervo particular das seguinte pessoas: Dr. Romildo Batista de Faria, Dr. Dinarte Mariz Junior, Sr. Urbano Batista de Faria, Sr. Júlio Neto, Sr. Olavo Medeiros Filho, Sra. Francisquinha Lobo, Sr. José Honorato, Sr. Gutemberg Costa e do arquivo particular do autor.

DADOS BIOGRÁFICOS DO AUTOR

Apesar da origem serranegrense, Pery Lamartine nasceu em Caicó, na casa do avô materno, localizada na Praça da Liberdade nº 731, no dia 02 de maio de 1926; a parteira foi "Mãe Quininha" a genitora do Mons. Walfredo Gurgel. O registro foi feito no cartório de Floriano Medeiros, com o nome de HYPÉRIDES, filho de Clóvis Lamartine de Faria e Maria de Lourdes da Nóbrega. Pelo lado paterno é neto de Juvenal Lamartine de Faria e pelo lado materno é de José Gorgônio da Nóbrega(Zuza), da Fazenda Timbaúba na ribeira do Rio Quipauá, hoje Barra Nova.

Clóvis Lamartine morou em Serra Negra (Fazenda Cacimbas), entre 1927 a 1937. Nessa oportunidade, Pery freqüentou o Grupo Escolar, ao tempo em que o Prof. Tobias Santos era o diretor; teve aulas particulares com os irmãos Tasso e Ramiro Monteiro Dantas. No ano de 1936 estudou no Externato São Luiz, em Caicó, dirigido pela Professora Leonor, ligada à família de Enico Monteiro. Em 1937 preparou-se, em Natal, para o exame de Admissão ao Atheneu, com o Prof. Clementino Câmara onde cursou o ginásio até 1940. Naquele ano foi estudar em Minas Gerais, cidade de Lavras e permaneceu até 1942, estudando no Instituto Gammom daquela cidade. No ano seguinte, já em Natal, matriculou-se no Aero Clube do Rio Grande do Norte onde fez o curso de piloto privado, recebendo o brevê em fevereiro de 1945. Em 1946 concluiu no Aero Clube de Pernambuco o Curso de Monitores e em 1947 foi trabalhar no Aero Clube de Joinville/SC onde preparou um turma de pilotos privados. Em 1948 fez vôos de co-piloto em Catalina na empresa Aero Geral Ltda/Natal. A 1º de maio de 1951 casou-se com Iêda Bezerra, família de Macau e desse casamento nasceram cinco filhos: Elza Maria, Ana Elizabeth, Ricardo José, Maria Cecília(in memoriam) e Gustavo Henrique. Naquele mesmo ano esteve trabalhando numa empresa aérea do Maranhão (Aeronorte) e em 1955, quando já havia deixado de voar, entrou na Varig para serviços de agência, onde permaneceu até 1962. Em 29 de junho daquele ano deixou a

empresa, adquiriu uma agência de viagens (Aerotur) e permanece na atividade turística até os dias de hoje.

As atividades literárias iniciaram quando ele ainda era solteiro e morava numa fazenda no Seridó, escrevendo textos para jornal, sobre assuntos ligados à vida rural. Quando já era agente de viagens, escreveu alguns folhetos de literatura de cordel; o seu primeiro livro foi editado, em 1982, com o título ASSENTAMENTOS DA FAMÍLIA LAMARTINE Editora Clima-Natal. No ano seguinte saiu O AEROPLANO com a mesma editora. Em 1984 foi a vez de TIMBAÚBA UMA FAZENDA NO SÉCULO XIX pela Nossaeditora-Natal; 1991; pela Fundação José Augusto, saiu VELHAS OITICICAS e em 1995, também pela FJA,
EPOPÉIA NOS ARES, obra premiada num concurso daquela fundação. Finalmente, em 1998, ESCAPE- ESTÓRIAS DE AVIADOR, editado pela Gráfica Editora Ltda-Natal.

Pery Lamartine trabalha com duas vertentes: assuntos ligados ao Seridó, sua terra, e aviação, profissão que abraçou durante alguns anos. Atualmente está aposentado e participa de uma sociedade comercial , DUNAS & MARES TURISMO, (rua Potengy 747 Petropolis/Natal , tel. 84 202-5040), onde pode ser encontrado, diariamente, durante o expediente. Participa ainda, como sócio, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, faz parte da comissão que está implantando o Museu da Aviação na Segunda Guerra em Natal e foi admitido, recentemente, na Academia Norte Riograndense de Letras.

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

Coronel Clementino Monteiro de Faria.
O mais respeitado líder Serranegrense do início do século passado

Coronel Clementino Monteiro de Faria e
sua esposa Paulina Umbelina dos Passos (Didinha)

Manuel Pereira Mariz Filho
e esposa Maria Cândida de Medeiros

Maria Januária da Cunha Pires Bezerra
(Dona Sinhá, quando jovem)

Ananias Monteiro Mariz
(Agente Postal em Serra Negra)

Júlio Batista de Araújo
(Genro do Cel. Clementino Monteiro de Faria)

Paulina
(Filha do Cel. Clementino Monteiro de Faria,
esposa de Júlio Batista de Araújo)

Francisco Lobo dos Santos (Lobinho)
Proprietário da fazenda "Apaga Fogo"

Afra Veras Lobo (Dona Iaiá)
Esposa de Lobinho

Clementino de Faria
mais conhecido por Clementino "o moço".
Filho do Cel Clementino

Lafayete de Faria
filho do Cel. Clementino

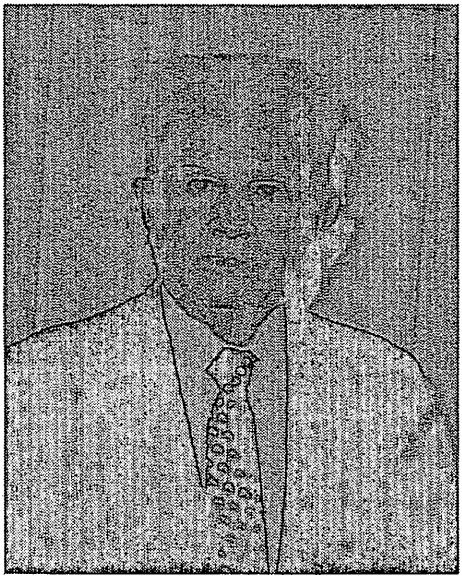
Epitácio de Faria
Filho do Cel. Clementino

Osmila Mariz de Faria
Esposa de Epitácio

Juvenal Lamartine de Faria. Filho do Cel. Clementino,
quando Presidente do estado do Rio Grande do Norte

Juvenal Lamartine de Faria
acompanhado da família

Dinarte Medeiros Mariz
quando industrial em Caicó



Dinarte Medeiros Mariz
Senador da República

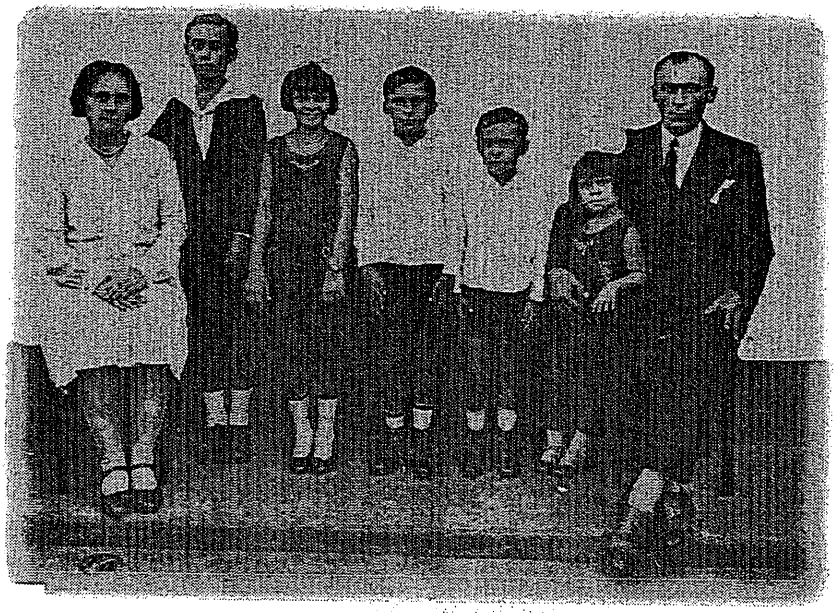
Descarte Mariz
Irmão do Senador Dinarte Mariz

Severino Mariz
Irmão do Senador Dinarte Mariz

Chico Honorato e a primeira esposa
com o filho José no colo

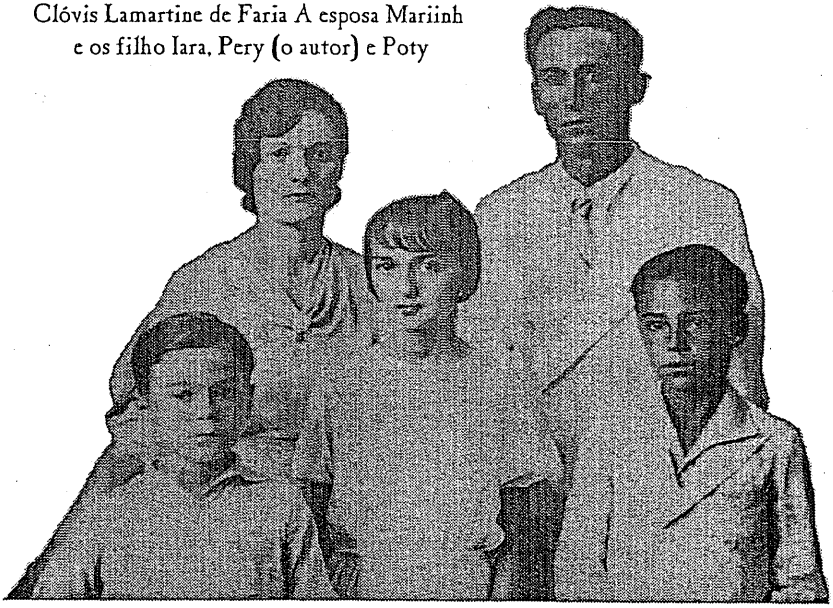
Leonidas Monteiro e esposa
Proprietários do sobrado

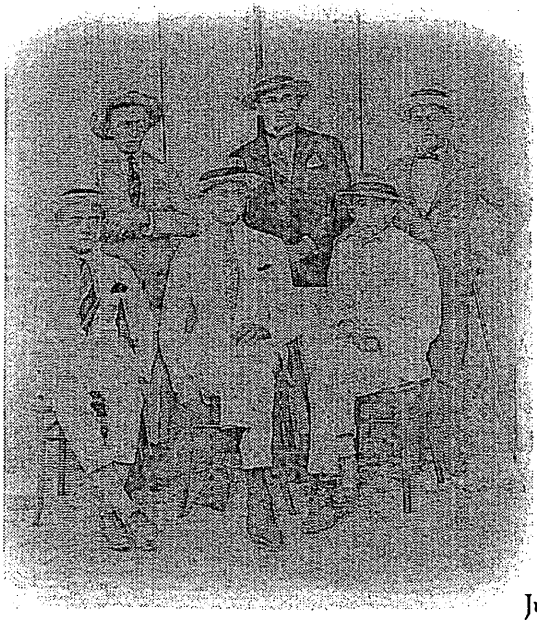
Artephio Bezerra
acompanhado da esposa e filhos



Nelson Newton de Faria
acompanhado da esposa e filhos

Clóvis Lamartine de Faria A esposa Mariinh
e os filho Iara, Pery (o autor) e Poty



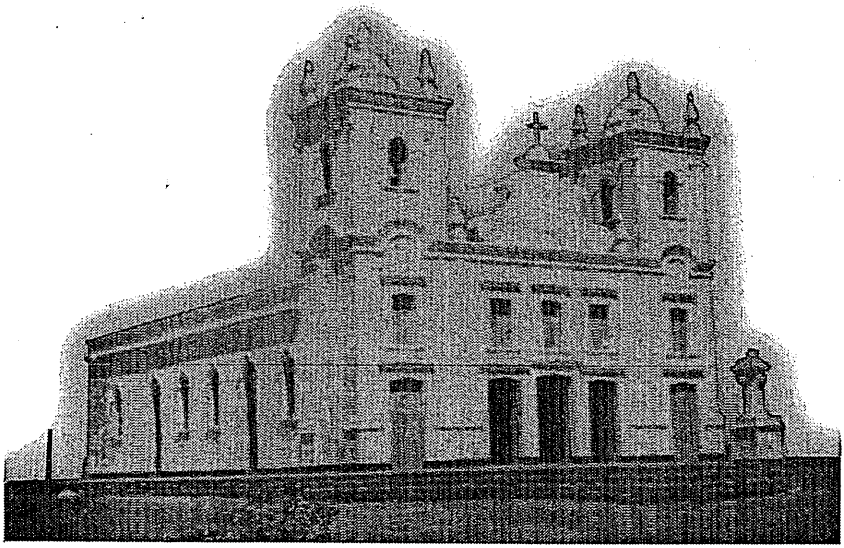


Juvenal Justiniano de Faria
acompanhado de parentes e amigo

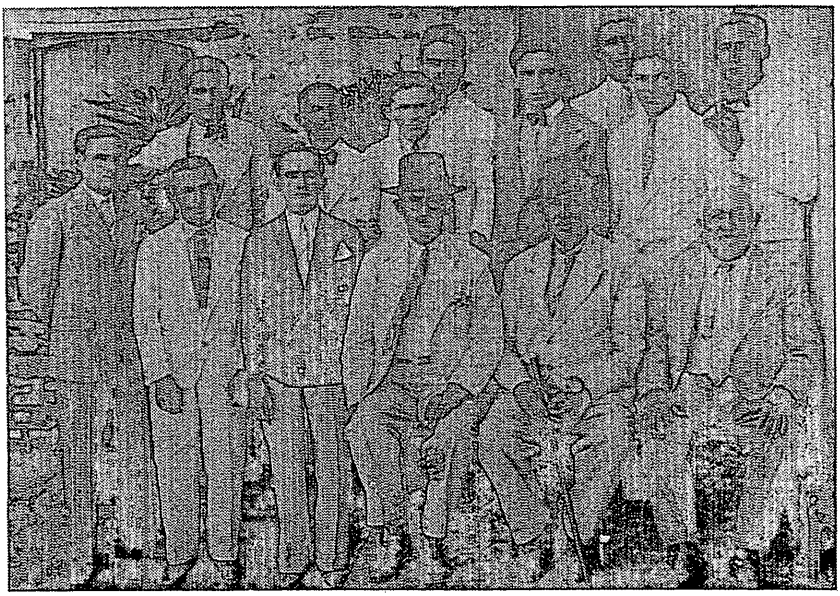
2

Nossa senhora do Ó
Padroeira de Serra Negra

Padre Natanael de Medeiros.
Pároco de Serra Negra nos anos 30



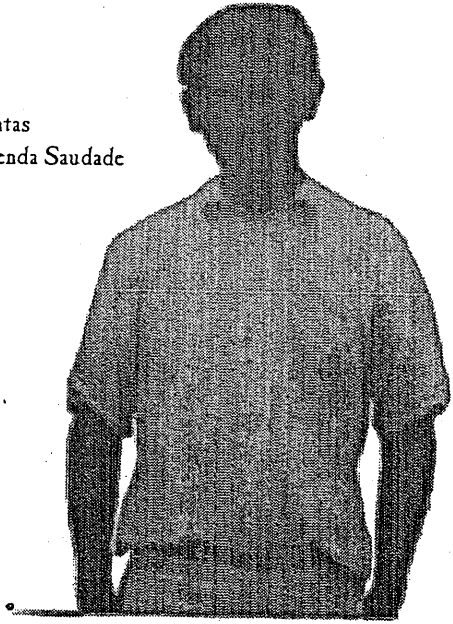
Matriz de Nossa Senhora do Ó



Sr. Octaviano, da Fazenda Conceição
acompanhado de amigos serranegrenses

Homens da sociedade serranegrense
desafio para o leitor identificar

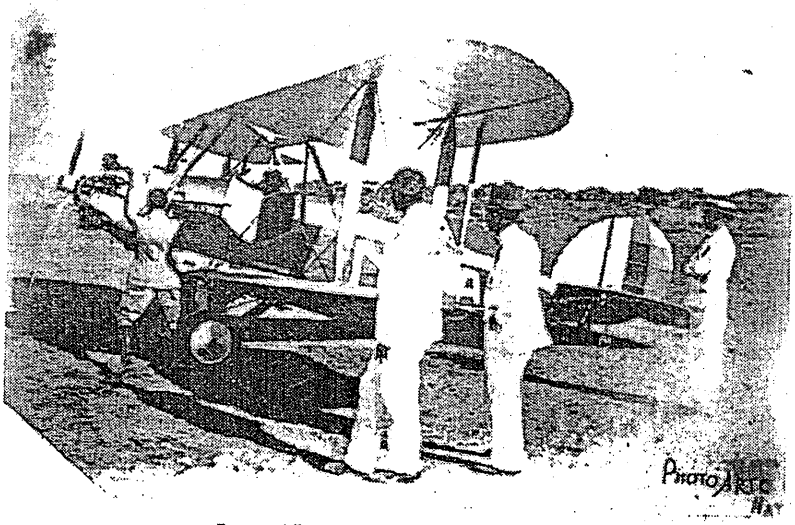
Ramiro Monteiro Dantas
Intelectual serranegrense da Fazenda Saudade



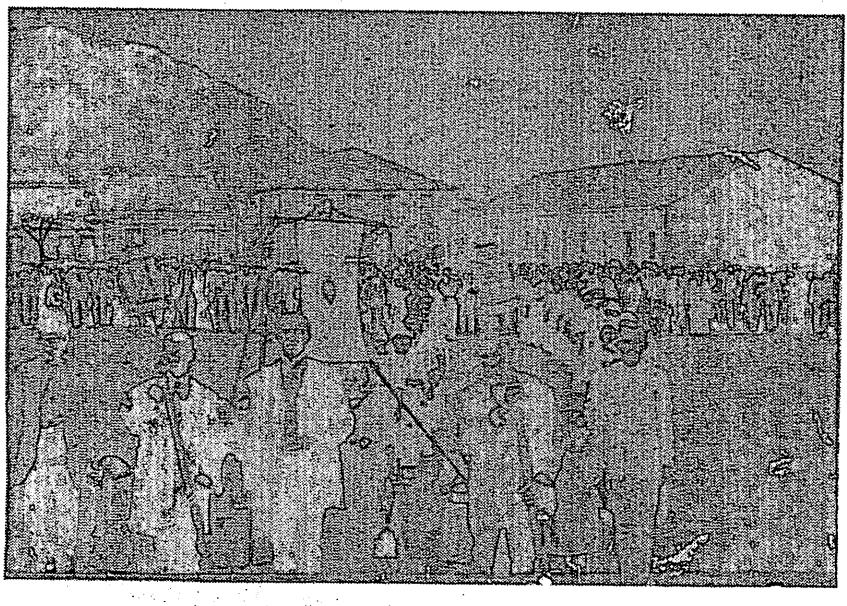
Bilac de Faria,
Oficial da Polícia do Estado e
Herói na intentona de 1935

Frei Damião
No tempo das missões em Serra Negra

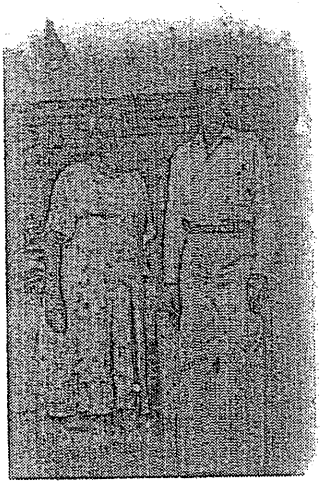
Chico Doido
Figura popular e permitida
pela sociedade serranegrense



Juvenal Lamartine na cabine do avião
enquanto o piloto Petit dava partida para ir inaugurar
campo de aviação de Serra Negra

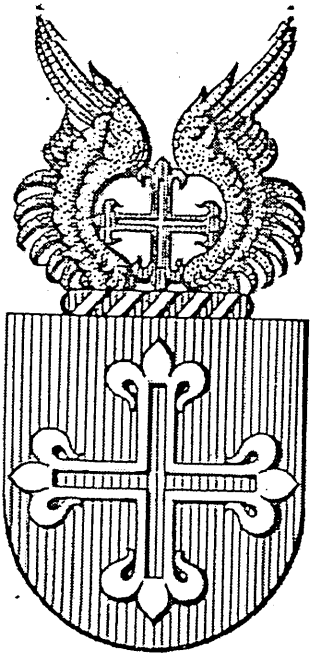


Procissão de N. S. Do Ó, vendo-se o sobrado ao fundo

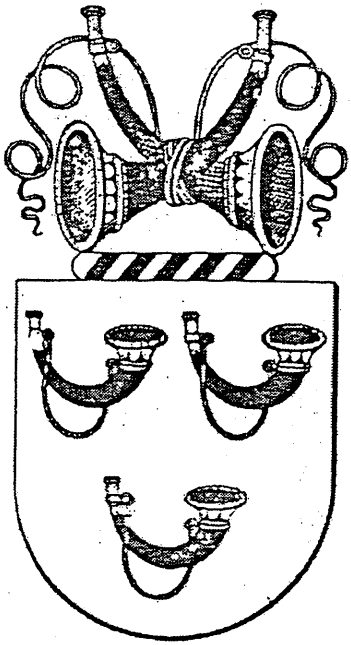


Bruno Batista de Faria
e a esposa Maria Faria

Arécio Batista de Faria
e a esposa Tercília

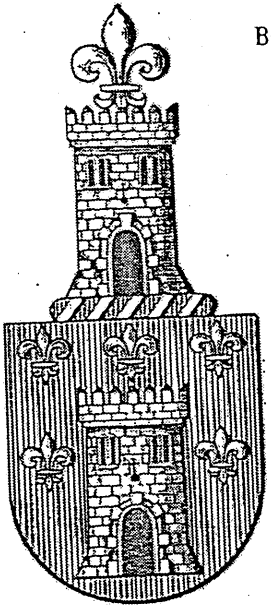


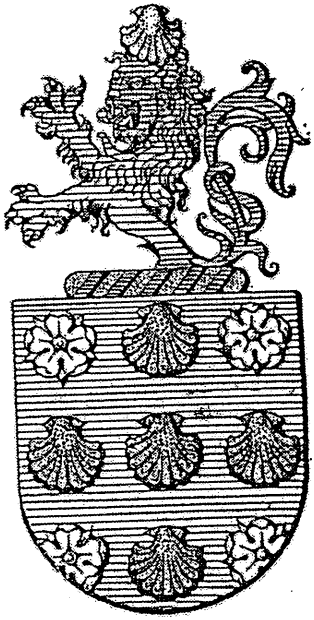
Brasão da família PEREIRA



Brasão da família MONTEIRO

Brasão da família FARIA

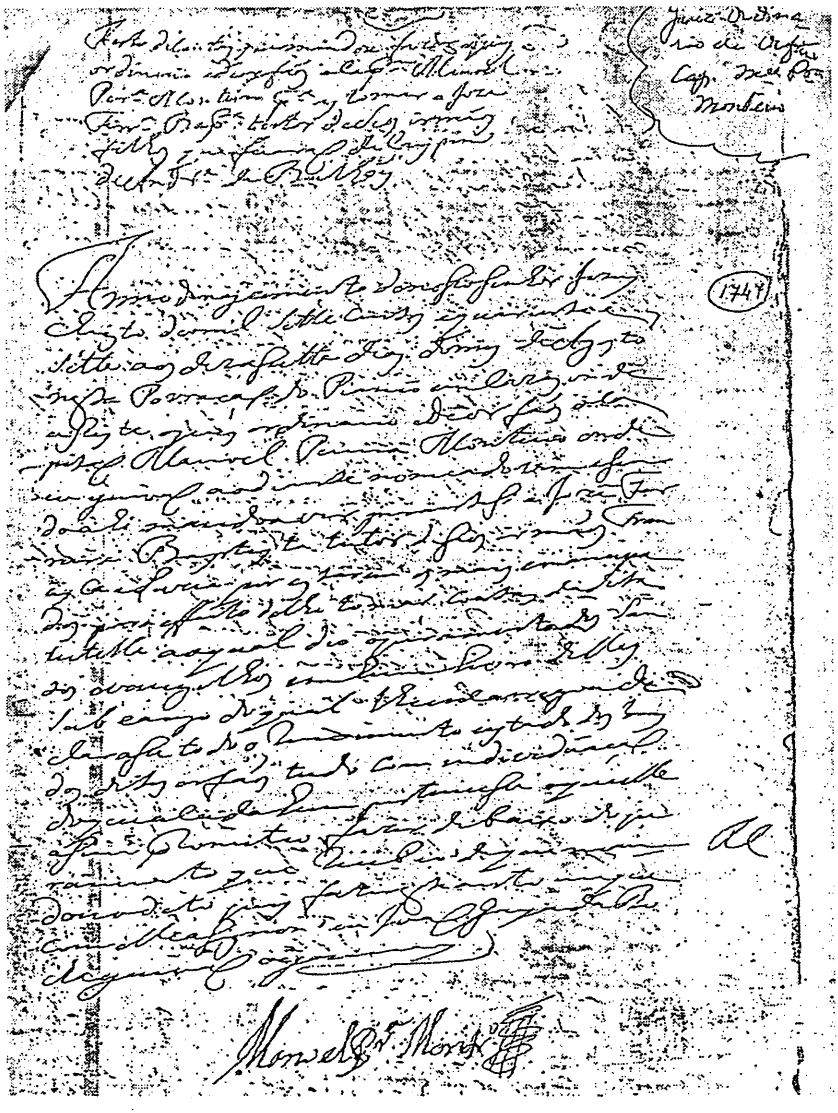




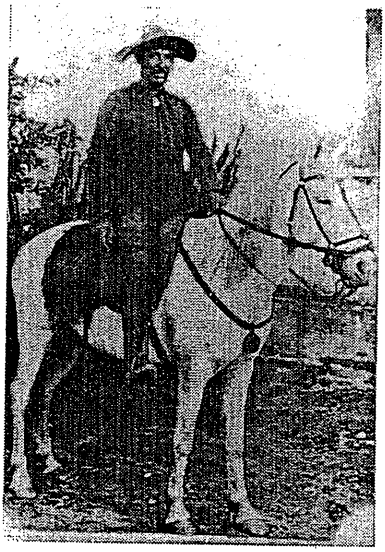
Brasão da família MARIZ

Hugo Batista de faria

Maria Deusa

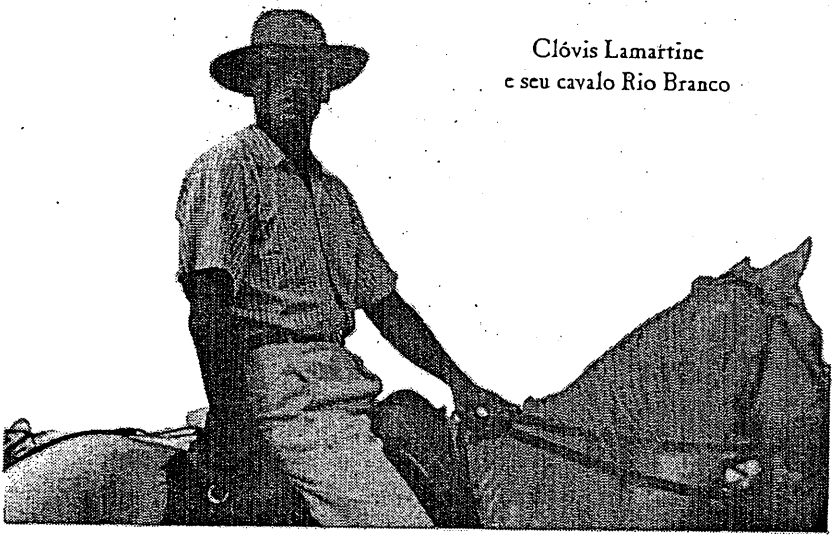


Manuscrito colhido nos assentamentos da Matriz de Pombal/PB, onde aparece a assinatura de **Manoel Pereira Monteiro,** fundador de Serra Negra



Guilherme José da Silva
(Guilherme do Trapiá)

HOMENAGEM AOS VAQUEIROS DE SERRA NEGRA



Clóvis Lamartine
e seu cavalo Rio Branco

HOMENAGEM PÓSTUMA

★ 16/01/1928 ✚ 06/04/2000

À Júlio Neto, pelo muito que fez, agindo e colaborando, para que esta obra atingisse seu objetivo.

PERY LAMARTINE - escritor seridoense da gema, andou remexendo nos baús das antigas fazendas da ribeira do Espinharas, onde encontrou um valioso acervo fotográfico dos antigos da região. Teve acesso as obras de Vergniaud Monteiro, Raimundo Nonato da Silva, Juvenal Lamartine de Lana, Dráud Ernani, Olavo Medeiros Filho, Câmara Cascudo e outros. Daí recolheu um bom volume de informações que incorporou aos seus "escritos de memória", especialmente ao período em que habitou aquela comunidade. O resultado não se fez esperar : SERRA NEGRA ANOS 30 que ora se apresenta.

A Cultura serranegrense ganhou mais esta valiosa obra, que o autor preparou com todo carinho, no seu estilo próprio, numa linguagem simples, tornando o livro uma leitura agradável e indicado para classe estudantil.

Patrocínio

Prefeitura Municipal de Serra Negra/RN